



Castelo de Sines: Sondagens de Diagnóstico no Quintalão

Relatório Final

SÍNTESE

Apresentação de síntese dos resultados da 1º Fase das Sondagens de diagnóstico e apresentação de nota técnica como justificativo à continuação das sondagens de diagnóstico

Paula Pereira

(07/2018)

Conteúdo

AGRADECIMENTOS	2
1. FICHA TÉCNICA	3
2. CONSIDERAÇÕES GERAIS	4
3. METODOLOGIAS	4
4. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO	4
5. LOCALIZAÇÃO DAS SONDAGENS	5
6. SONDAGENS DE DIAGNÓSTICO NO QUINTALÃO-RESULTADOS	6
A. Sondagem 1	8
B. Sondagem 1A (S1A)	13
6.2.1. Interpretação	18
C. Sondagem 2	21
D. Sondagem 3 (S3)	24
6.4.1. Interpretação	27
E. Sondagem 4 (S4)	30
6.5.1. Interpretação	35
F. Sondagem 5 (S5)	38
6.6.1. Interpretação	42
7. MEDIDAS DE MINIMIZAÇÃO E SALVAGUARDA	44
8. COMPONENTE ARTEFACTUAL	44
A. Cerâmica em Grés	46
B. Faianças	46
C. Cerâmica Esmaltada	49
D. Cerâmica Comum	51
E. Cerâmica Vidrada	52
F. Terra Sigillata (TS)	53
G. Ânforas	54
H. Espólio Numismático	58
I. Artefactos Diferenciados	59
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
10. BIBLIOGRAFIA	63
11. ANEXOS	65
A. DESCRIÇÃO DE UE'S	66
B. LISTAGEM DE FOTOGRAFIAS	67
C. FICHA DE SÍTIO	68
D. ESTAMPAS	69
E. INVENTÁRIO MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS	70

AGRADECIMENTOS

Os trabalhos arqueológicos foram concretizados com o apoio de instituições como o Recheio que forneceu os caixotes plásticos para acondicionamento dos materiais arqueológicos, do Sines Surf Club que cedeu tendas; José Manuel Brissos Lda. que forneceu duas paletas para a construção de um crivo.

Agradeço o apoio prestado pela Câmara Municipal de Sines e pelos seus funcionários que passaram pelos trabalhos arqueológicos quer de maneira esporádica quer de modo permanente, contribuindo com o seu apoio e interesse.

Um especial agradecimento ao Rui Santos que me tem acompanhado nas minhas tarefas arqueológicas e nos desafios que constantemente lhe proponho.

1. FICHA TÉCNICA

Arqueólogo Responsável:	Paula Alves Pereira
Relatório, Texto e Imagens:	Paula Alves Pereira
Pesquisa Arquivística e Documental:	Paula Alves Pereira
Tratamento e inventário de Materiais:	Paula Alves Pereira Rui Santos (Museu de Sines) Joana Silva
Registo Gráfico, Plantas, Perfis e Alçados:	Paula Alves Pereira Rui Santos
Fotografias	Paula Alves Pereira
Escavação Arqueológica (Equipa)	Paula Alves Pereira Rui Santos Pedro Pita (CMS) Joana Silva
Topografia:	António Soares (Fabre dos Reis Lda)
Direção Regional de Cultura do Alentejo:	Manuela de Deus
Museu de Sines:	Ricardo Pereira
Promotor:	Câmara Municipal de Sines

2. CONSIDERAÇÕES GERAIS

As sondagens de diagnóstico realizadas no Quintalão tiveram por objetivo a avaliação do potencial arqueológico do local e facultar os dados necessários para a elaboração de projetos futuros que impliquem a intervenção no subsolo, e contemplem as respetivas medidas de minimização e salvaguarda sobre o património arqueológico.

Face aos planos recentemente abordados para este local do Castelo de Sines, que vão além de uma rede de drenagem, nomeadamente a possibilidade de instalação de uma nova caixa de saneamento básico e criação de um espaço fechado para acolher as reservas do Museu de Sines, foram realizadas um total de seis sondagens de diagnóstico com o objetivo de avaliar o potencial arqueológico e definir medidas de salvaguarda em projetos futuros.

3. METODOLOGIAS

Em setembro de 2016 foi realizada a prospeção geofísica no Castelo de Sines, no espaço intramuralhas. Foi reaproveitado o levantamento topográfico realizado pela equipa da Universidade de Évora e definiram-se a localização das sondagens de diagnóstico. Foi utilizado o sistema de coordenadas ETRS 1989 Portugal.

O levantamento topográfico de planos e alçados foi executado com recurso a estação total.

No que diz respeito à metodologia de escavação foi utilizado o método Barker/Harris, que consiste na remoção de camadas pela ordem inversa à sua deposição (Barker, 1978), sendo a leitura estratigráfica realizada através da metodologia definida por Edward Harris (Harris, 1989), que consiste numa leitura vertical e horizontal dos processos de deposição temporal, procurando estabelecer relações de anterioridade/posterioridade da área intervencionada.

Cada camada, estrutura, interface negativo corresponde a uma unidade estratigráfica (UE) que foram registados através de fotografia digital e desenho arqueológico à escala 1/20.

4. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO

O Castelo de Sines foi construído sobre a falésia sobranceira à baía durante o século XV.

A 24 de Novembro de 1362, d. Pedro I concedeu a carta de foral a Sines, elevando a então aldeia do concelho de Santiago do Cacém à categoria de vila. É mencionado também a pretensão de dos seus habitantes construírem uma cerca dando continuidade a um muro já haviam iniciado.

O Castelo de Sines é um monumento de pequena dimensão de planta trapezoidal irregular, constituído por cortinas e torres medievais de planta quadrangular, cubelos cilíndricos; bateria com parapeito e baluartes de planta irregular nos vértices adaptada à pirobalística, a praça baixa.

A construção do Castelo de Sines reutilizou cantarias, silhares e outros elementos pétreos com decoração de cronologia romana e da Antiguidade Tardia.

Escavações arqueológicas realizadas por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares no interior do Castelo revelaram que o castelo terá sido construído durante o século XV e que existiu durante cinco séculos. Foram identificados níveis de ocupação visigótica, seguidos de um momento de abandono que perdurou até à Baixa Idade Média.

5. LOCALIZAÇÃO DAS SONDAGENS

Entre abril e maio de 2017 foram escavadas 6 sondagens de diagnóstico, designadas por Sondagem 1, 1A, 2, 3, 4 e 5.

As sondagens foram implantadas em diversos locais da área designada por Quintalão.



Fig. 1: Localização do Quintalão. Imagem adaptada Google Earth.

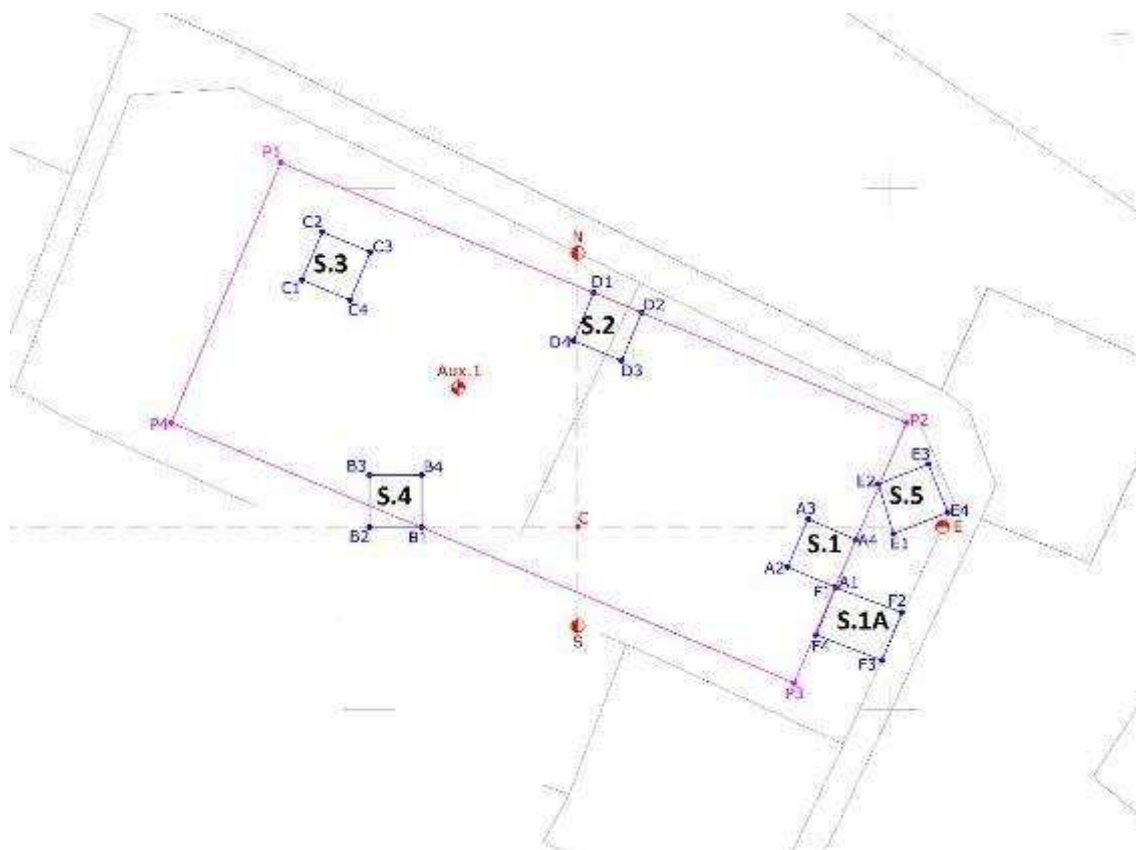


Fig. 2: Localização das sondagens

A cota de escavação atingiu os 2,60 metros de profundidade, o que levou à suspensão das sondagens por questões de segurança relacionados com a contenção de terras.

Nas sondagens 1A e 5 não se atingiu o substrato geológico e os contextos arqueológicos prolongam-se em profundidade em extensão para além dos limites da área de sondagem. Por questões de segurança, os trabalhos arqueológicos foram suspensos a uma cota de 2,60 metros de profundidade.

Após a conclusão desta fase de trabalhos arqueológicos, todas as sondagens foram aterradas e os níveis e estruturas arqueológicas sinalizadas com geotêxtil.

6. SONDAGENS DE DIAGNÓSTICO NO QUINTALÃO-RESULTADOS

Foram escavadas 6 sondagens no Quintalão que permitiram avaliar o potencial arqueológico desta área, no entanto a identificação de contextos arqueológicos levantou questões para as quais não foram obtidas respostas.

O Quintalão foi utilizado durante o século XX como horta, onde existiam diversos muros com orientações distintas que dividiam o espaço. Nos anos 90 do século XX e no início do século XXI,

o Quintalão sofreu diversas obras relacionadas com a requalificação das muralhas e dos edifícios existentes intramuralhas.



Fig. 3: Obras de Recuperação do Castelo de Sines. Foto 001183335. In www.monumentos.pt

No local das sondagens 1, 1A e 5 a prospeção geofísica realizada em setembro de 2016 (Pereira, 2016) identificou uma anomalia, interpretada pela equipa da Universidade de Évora como uma estrutura arqueológica de grande dimensão. A realização das sondagens permitiu aferir que esta estrutura corresponde a um nível de aterro com uma inclusão abundante de telha.



Fig. 4: Foto que retrata a quantidade de telha compatível com a que foi identificada no Quintalão. Foto 00118266. In www.monumentos.pt

Nas sondagens 1A, 4 e 5 não se atingiu o geológico. Na sondagem 4 foi identificado um pavimento em pedra que se prolonga para todos os quadrantes da sondagem.

Foi considerada a camada de terra vegeta (UE1) e o geológico de magas como unidade estratigráfica comum a todas as sondagens.

A. Sondagem 1

A sondagem 1 foi implantada perto do pano nascente da muralha.

COORDENADA M	COORDENADA P
-64422,120	-189895,325
-64423,957	-189894,535
-64423,167	-189892,698
-64421,330	-189893,488



Fig. 5: Localização da S1

Após a remoção do coberto vegetal e da camada de superfície (UE1) observou-se um tubo de PEAD e níveis de aterro com entulho.



Fig. 6: Plano inicial da S1, UE3

As unidades estratigráficas do topo da S1 são caracterizadas por depósitos de entulho e aterro, onde se identificaram e removeram sargetas de esgoto, plásticos, telhas em grande quantidade, com alguns exemplares inteiros. As telhas foram produzidas no concelho de Santiago do Cacém, pelas fábricas Cerâmica Sul do Sado e Cerâmica do Areal (Santo André), estarão relacionadas com as obras de requalificação do Castelo de Sines.

As camadas de aterro atingem cerca de 120 cm de profundidade e terão preenchido o local onde se encontrava uma amoreira.



Fig. 7: Imagem SIPA Foto 00530851. 1966. In www.monumentos.pt. Observa-se no local da Sondagem 1 uma amoreira.

Sob os níveis de aterro contemporâneos, registou-se uma camada arenosa, com raízes, mas sem o entulho contemporâneo (UE8). Na UE8 foram recolhidos fragmentos de ânfora (ocasionais), cerâmica esmaltada de cronologia medieval/moderna (ocasional), faiança contemporânea (ocasional), destacando-se um fragmento com a marca da Fábrica de Sacavém; machado em quatzo.

Sob a UE8, registou-se um depósito areno-argiloso (UE15) de superfície irregular com inclusão de calhaus e cerâmica de construção, que parece corresponder a um nível sem ocupação humana. Foram recolhidos fragmentos de materiais arqueológicos (ocasionais) de cronologia romana, mas também um fragmento de faiança que poderá ter-se infiltrado através das raízes da amoreira.

A UE15 cobria um nível de derrube de pedra (UE32) identificado no quadrante SE da sondagem e uma camada arenosa (UE33), que por sua vez cobriam um pavimento de terra batida com inclusão de fragmentos de cerâmica.

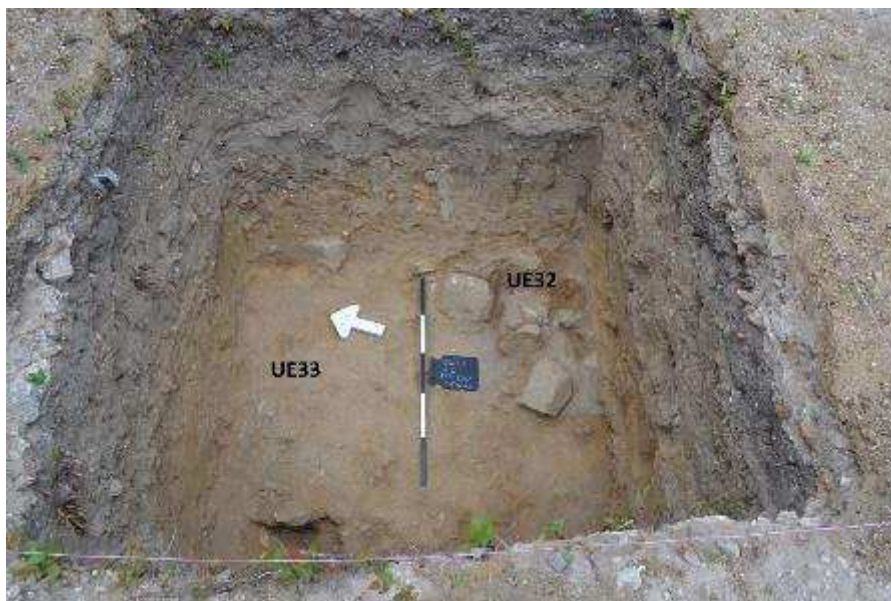


Fig. 8: Plano do derrube, UE32.

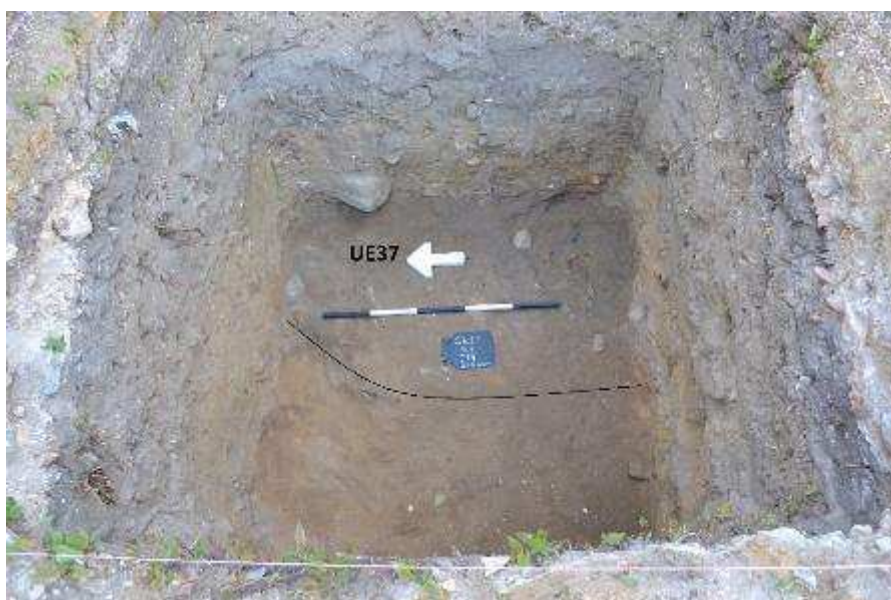


Fig. 9: Pavimento de terra batida, UE37.

O nível de pavimento cobria um substrato de areia de praia (UE39) onde foi identificado um bronze do imperador Graciano (sec. IV), não se tendo identificado mais nenhum vestígio de ocupação humana ou presença de artefactos. A UE39 cobria o geológico de argila sem vestígios arqueológicos.

A sondagem 1 revelou uma ocupação do Baixo Império Romano, a dois metros de profundidade, não se tendo identificado evidências arqueológicas que atestem uma ocupação permanente deste ponto. Porém o local da S1 corresponde ao local onde se encontrava uma amoreira de grande dimensão cujas raízes foram identificadas a mais de 2 metros de profundidade. A amoreira, segundo informação oral, foi removida nos anos 80/90 do século XX, e o local da caldeira preenchido. As raízes da amoreira terão causado grande perturbação e

originado a movimentação de materiais arqueológicos de cronologia contemporânea para camadas mais antigas.

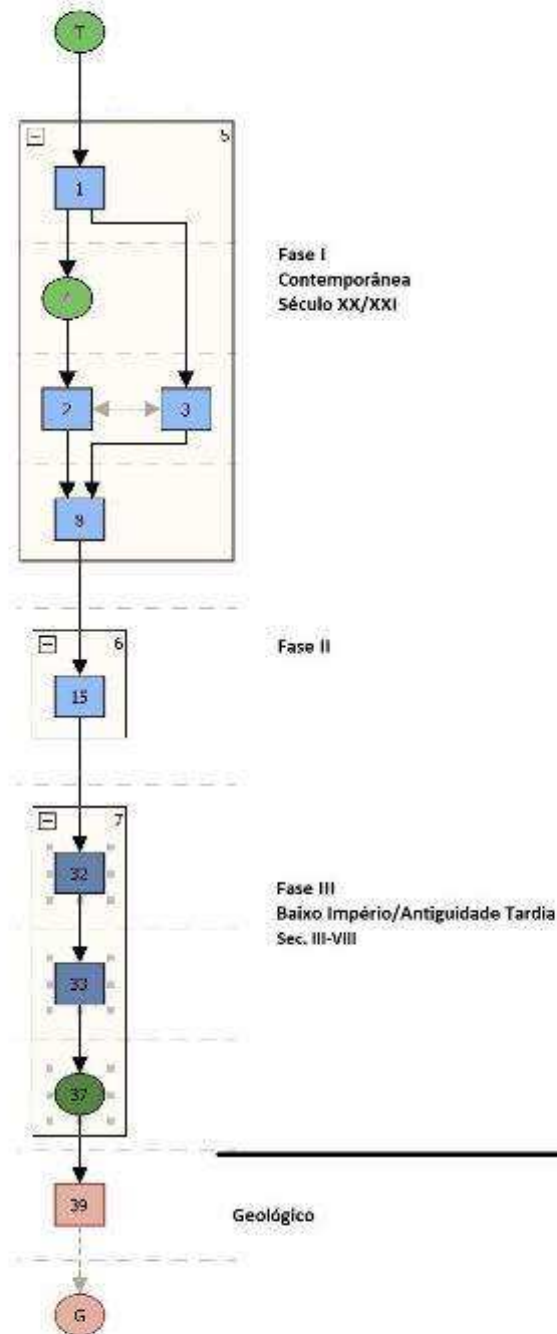


Fig. 10: Matriz de Harris Sondagem 1

B. Sondagem 1A (S1A)

A Sondagem 1A foi implantada encostada à muralha nascente e a Norte de um pequeno edifício utilizado para arrecadação.

COORDENADA M	COORDENADA P
-64422,117	-189895,330
-64419,577	-189896,285
-64420,339	-189898,122
-64422,854	-189887,648

Na S1A, registou-se, à semelhança da S1, níveis de aterro/entulho nas camadas de topo da área de intervenção. A UE34 cobria toda a área sondagem e parte de um muro (UE35) com orientação E-O. A sul do muro o entulho era constituído na sua maioria por vidro, possivelmente relacionado com as antigas janelas do Castelo de Sines. Devido a esta condicionante e porque o edifício utilizado como arrecadação não ter fundações, estipulou-se que a sondagem seria realizada a Norte da UE35.

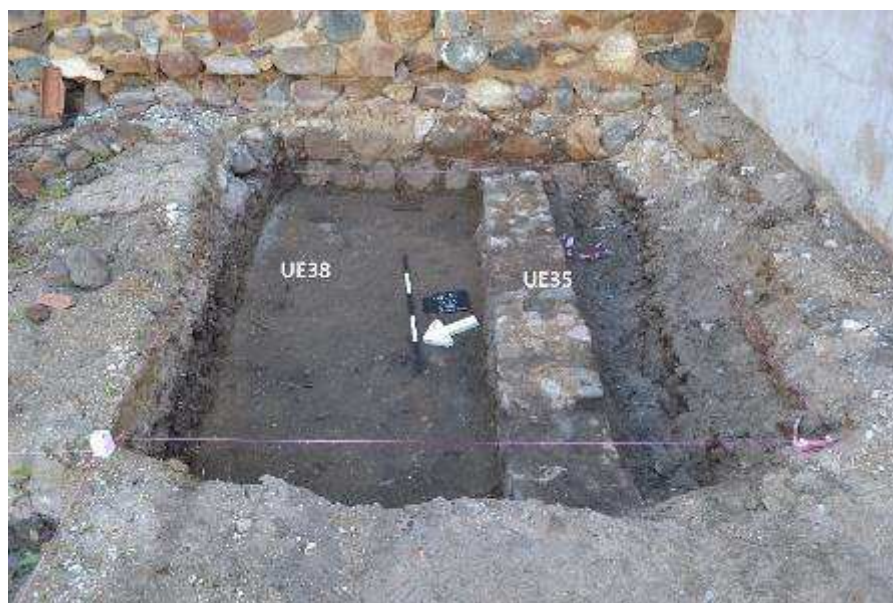


Fig. 11: Sondagem 1A: UE35, UE38

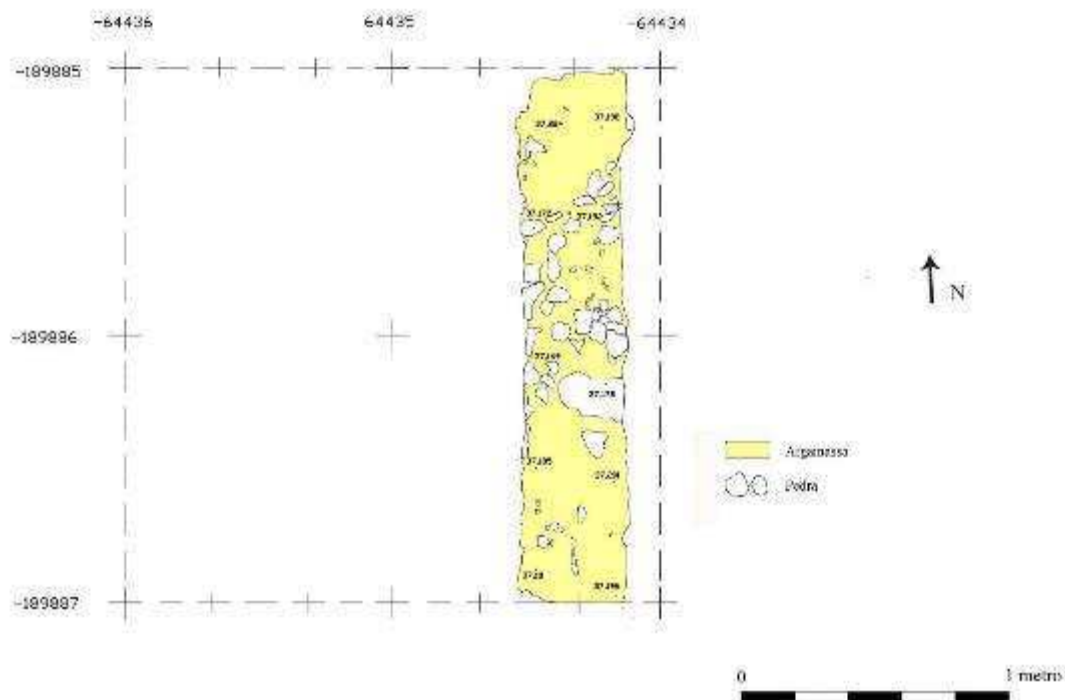


Fig. 12: Plano da UE35

Sob a UE34, identificou-se mais uma camada de aterro, mas sem inclusão de lixo contemporâneo. A UE38 apresentava contextos de aterro, com presença frequente de materiais arqueológicos de cronologia contemporânea e moderna. Destaca-se nesta camada a presença de diversos fragmentos de um alguidar vidrado verde de grande dimensão.

A UE38 cobria um nível de telha (UE40) e um derrube de pedra, com vários tipos de telha colocadas em camadas com duas orientações: norte-sul e este-oeste. Algumas das telhas são de fabrico manual e estão mal cozidas. Esta camada corresponde à deposição secundária de telhas, possivelmente associadas ao descarte de material ou relacionadas com a construção de edifícios no Castelo.



Fig. 13: Camada de telha, UE40



Fig. 14: Pormenor da camada de telha durante o processo de escavação. Orientação das telhas norte-sul

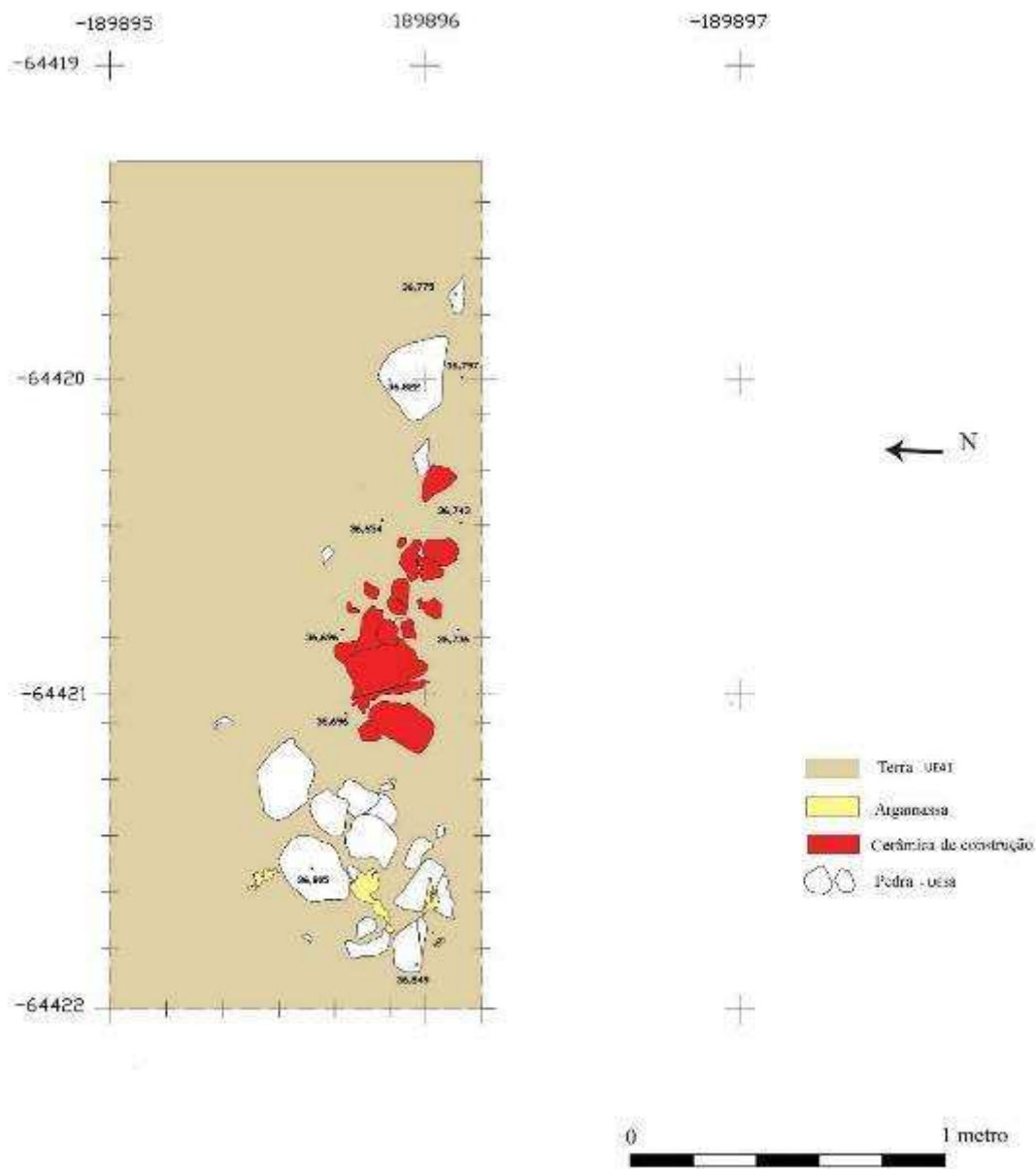


Fig. 15: Desenho do topo da UE40. Crédito Rui Santos

Sob o derrube foi identificado um ceitel de D. Manuel.

Removido o derrube e a camada que o envolvia, observou-se um nível sem uma ocupação, um nível de abandono (UE41), com materiais arqueológicos de cronologia medieval/moderna.

A UE41 cobria níveis de ocupação da Antiguidade Tardia (sec. IV-VIII), as UE47 e UE48, onde foram identificados dois bronzes do século IV.

A UE47 caracteriza-se por uma camada heterogênea com a presença de cerâmica de construção, que cobre parte da UE48, que encosta à muralha. Sob estas duas camadas,

identificaram-se depósitos relacionados com o enchimento de um interface negativo (UE56) que corresponde à vala de fundação da muralha nascente.

A vala de fundação do castelo foi aberta na camada de areia de praia (UE51) e estende-se para os cortes sul e norte, distando do topo da vala cerca de 190 cm de comprimento até à muralha. O enchimento da vala não foi escavado na sua totalidade, foram removidos sequencialmente a UE58 e a UE59. Foram identificadas duas camadas de argamassa alternadas por depósitos de terra que poderão corresponder ao reboco do paramento da muralha durante o Império Romano.



Fig. 16: Pormenor de argamassa, UE53, encostada à muralha

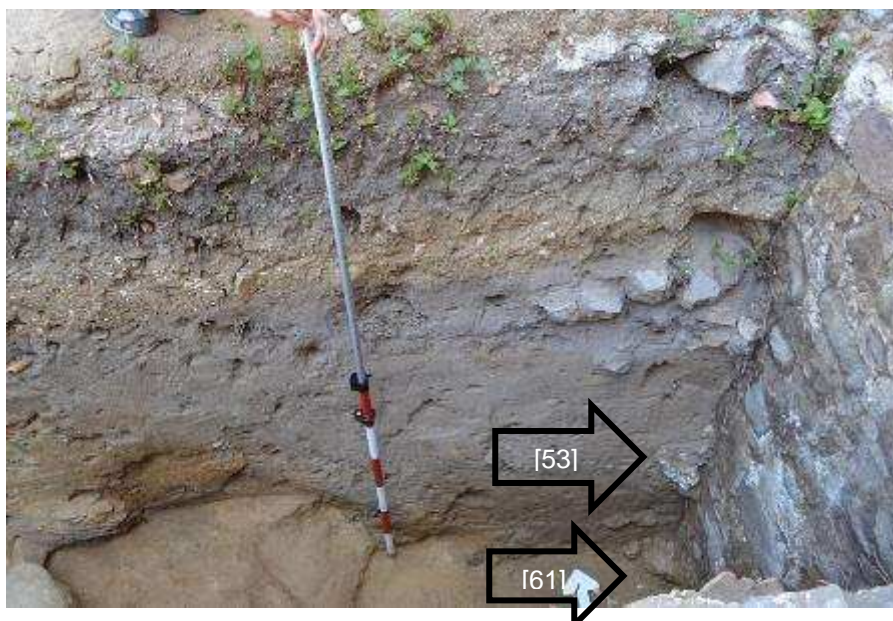


Fig. 17: Corte Norte. Localização das UE's 53 e 61

Por questões de segurança relacionada com a profundidade da sondagem, não se continuou a escavar para além dos 270 cm de profundidade. Não foi escavado o enchimento da vala de

fundação, pelo que não se pode determinar o momento de construção do pano nascente do Castelo de Sines.



Fig. 18: Plano final da sondagem 1A

A estratigrafia identificada corresponde a três fases de ocupação: contemporânea (sec. XX), Moderna (sec. XIV-XVI) e Antiguidade Tardia/Baixo Império.

No que diz respeito aos materiais arqueológicos, a ocupação cronológica está documentada na componente artefactual. Nos níveis de aterro contemporâneo (sec. XX) foram observadas cerâmicas de utilização doméstica como alguidares, faianças, cerâmicas vidradas, casquilhos de porcelana (eletricidade), garrafas de vidro de água e cerveja, sargetas, etc.

A segunda fase de ocupação enquadra-se no séc. XIV a XVI, destacando-se um ceitel de D. Manuel, alguidares de cerâmica vidrada, e cerâmica comum de cozinha.

A terceira fase corresponde a uma ocupação do Baixo Império e Antiguidade Tardia, desconhecendo-se o momento de construção do pano nascente.

6.2.1. Interpretação

Os vestígios arqueológicos identificados na S1A correspondem a três fases de ocupação distintas. A Fase I corresponde ao período Contemporâneo (século XX) onde se registou uma quantidade significativa de telha e de material procedente das várias obras de recuperação das muralhas do Castelo. Salienta-se também a presença de garrafas de cerveja, águas das pedras em vidro possivelmente relacionadas com a Festa da Terra e do Mar e o Festival Músicas do Mundo.

Os materiais arqueológicos identificados são caracterizados por faianças (pratos e travessas), alguidares de cerâmica vidrada que estarão relacionados com a ocupação do Castelo De Sines, pela Guarda Fiscal e pela Mocidade Portuguesa.

A Fase II caracteriza-se por uma ocupação do Quintalão durante os séculos XIV a XVI, compatível com a construção do Castelo de Sines e com as obras de remodelação realizadas por Estevão da Gama.

A camada de telha identificada pode estar relacionada com a construção dos edifícios do Castelo. Na visitação de 1517 é referida a existência de um forno de telha que estaria no Rossio da vila (Marques, 2017:128).

A ocupação do século XIV a XVII foi balizada pelos materiais arqueológicos recolhidos.

A Fase III enquadra-se numa ocupação em período Baixo Império/Antiguidade Tardia, onde foram recolhidos fragmentos de ânfora, *terra sigillata*, cerâmica comum e três bronzes do século IV. Nessa fase terá sido construído o pano nascente do Castelo de Sines.

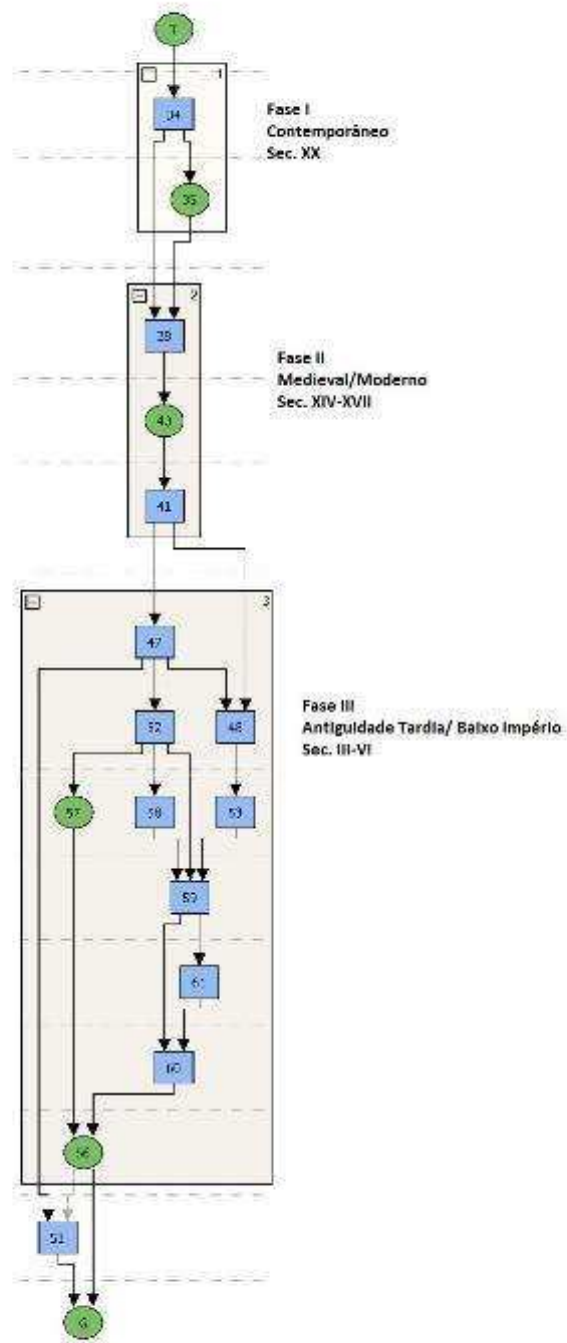


Fig. 19: Matriz de Harris da Sondagem 1A

C. Sondagem 2

A Sondagem 2 foi implantada junto à muralha Norte.

COORDENADA M	COORDENADA P
-64431,400	-189884,000
-64429,554	-189884,769
-64430,323	-189886,615
-64432,169	-189885,846

A escavação da S2 revelou um local muito perturbado durante a época contemporânea (séc. XX), com camadas de topo de entulho/aterro com material procedente das obras de recuperação das muralhas do Castelo de Sines, ao longo do séc. XX.

Identificou-se um muro (UE12) com orientação Norte-Sul que corresponde a um muro contemporâneo que dividia as hortas do Quintalão.



Fig. 20: Identificação do muro



Fig. 21: Obras de recuperação da muralha e o muro identificado na S2. SIPA Foto00118335. In www.monumentos.pt

Sob as camadas de aterro, identificou-se uma camada de terra escura sem vestígios de ocupação, possivelmente relacionada com a prática agrícola.

A UE13 assenta num nível de sem ocupação, a UE11, que por sua vez cobre um estrato de areia de praia (UE30). A UE30 foi cortada no quadrante NE por um interface negativo que se estende para o corte Este.

Sob a UE30 identificou-se o geológico de argilas.

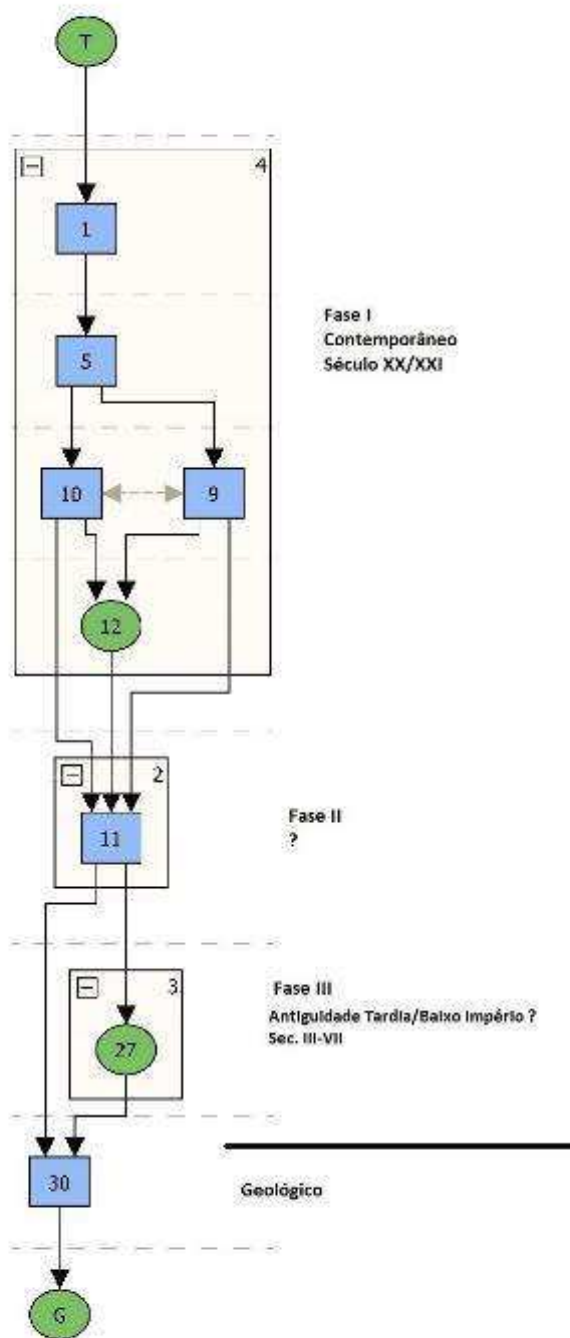


Fig. 22: Matriz de Harris da Sondagem 2

Os materiais arqueológicos recolhidos são ocasionais e foram recolhidos na UE11, com cronologias Romano Imperial e Contemporânea. Destaca-se um fragmento de *Terra Sigillata* e uma pedreneira em sílex. A presença de materiais arqueológicos de ampla diacronia pode estar relacionada com o revolvimento do solo durante a prática agrícola.

D. Sondagem 3 (S3)

A Sondagem 3 foi implantada junto a uma figueira a cerca de 2 metros do pano Norte.

COORDENADA M	COORDENADA P
-64442,584	-189883,514
-64441,810	-189881,610
-64439,965	-189882,445
-64440,740	-189884,289



Fig. 23: Localização da S3

As camadas superficiais são constituídas por aterros contemporâneos (sec. XX) com inclusão de cerâmica de construção, casquilhos de porcelana, garrafas, etc. Muito idêntico ao observado nas restantes sondagens.

Sob UE6 (aterro) identificou-se um interface negativo circular no quadrante NE da sondagem e uma camada de argamassa interpretada como uma preparação de pavimento (UE17).

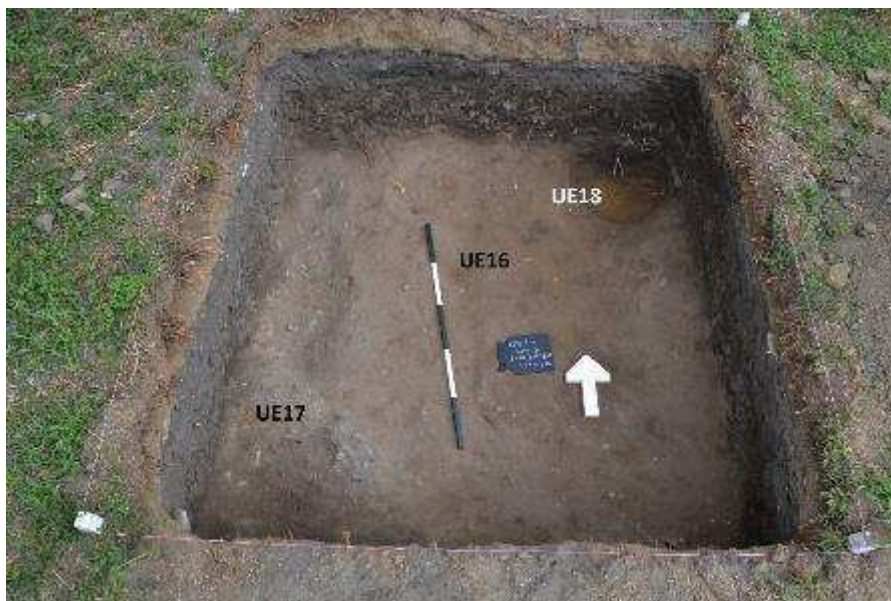


Fig. 24: Plano do interface negativo e da preparação de pavimento

A UE16 corresponde a nível sem ocupação, com escassos materiais arqueológicos, que estava coberta pela preparação de pavimento e foi cortada por um covacho de forma circular, para o qual não se recolheram dados para a respetiva interpretação.

Sob a UE16, identificou-se uma camada com a presença de materiais arqueológicos da Antiguidade Tardia e que cobria dois alicerces que poderão corresponder à mesma estrutura.

Os dois alicerces foram construídos com blocos de calcário, afeiçoados nos paramentos e ligadas por argila.

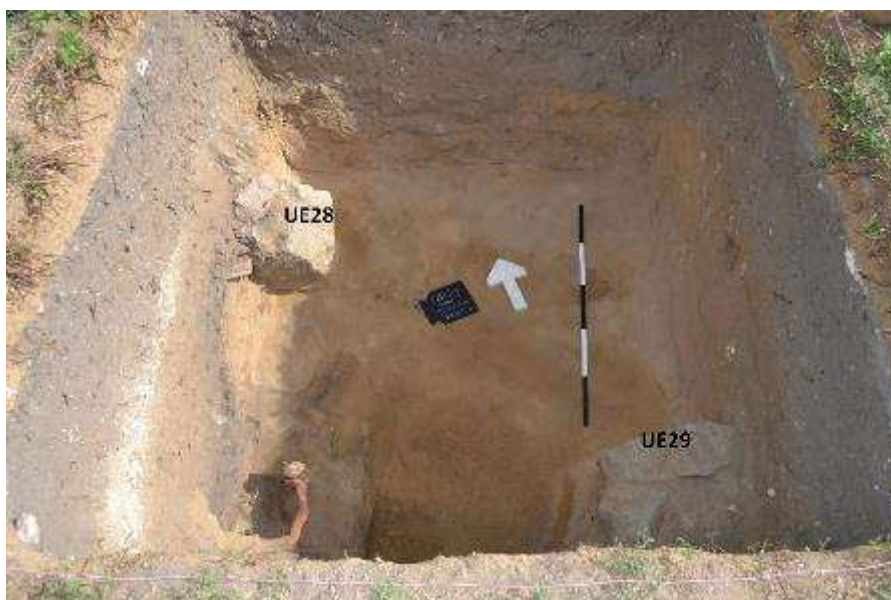


Fig. 25: Alicerces da S3

As duas estruturas terão sido destruídas por um interface negativo de grande dimensão que se estende para o Corte Sul.



Fig. 26: Alicerce UE29. Corte Sul



Fig. 27: Alicerce UE28. Corte Oeste

As estruturas assentam num nível de areia de praia (UE26) também afetado pelo interface negativo (UE25) e estavam cobertas por uma camada de areia antrópica (UE21) com presença de alguns materiais arqueológicos de cronologia romana, Baixo Império/Antiguidade Tardia.

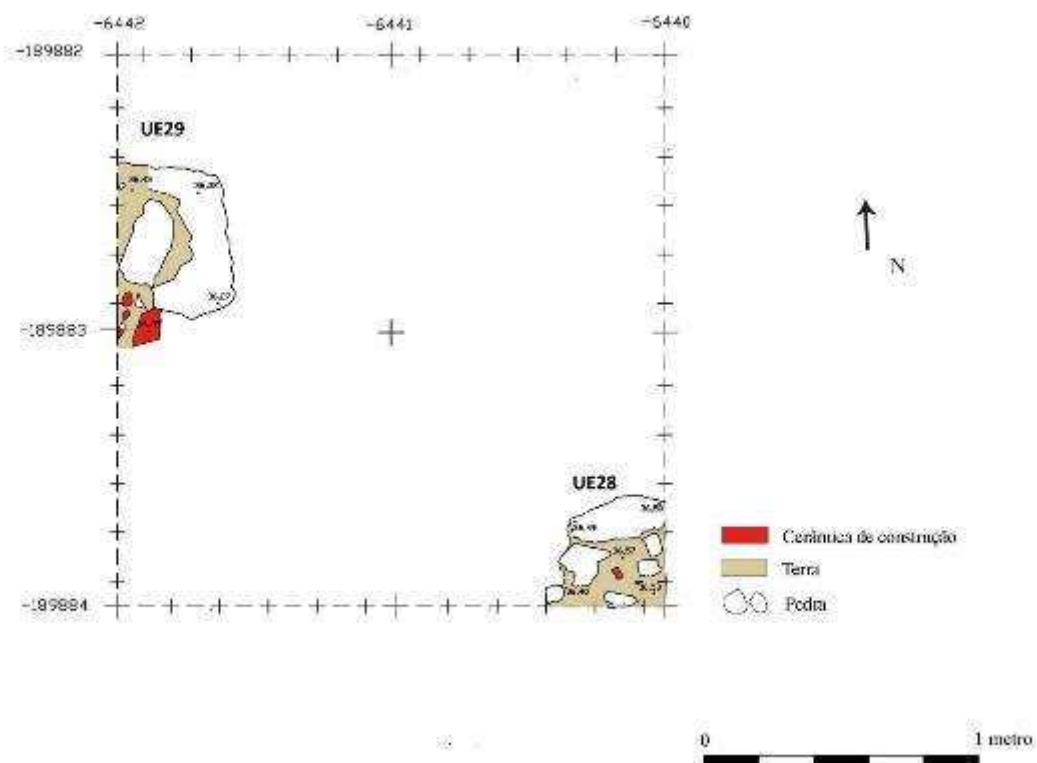


Fig. 28: Plano dos alicerces, UE28 e UE29. Crédito Rui Santos

No topo da UE26 recolheu-se um pote de torno lento e um fragmento de ânfora. A areia de praia cobre o geológico de argilas.

6.4.1. Interpretação

Na S3 foram identificadas 3 fases de ocupação: Contemporânea, Medieval/Moderna e Baixo Império Antiguidade Tardia.

A Fase I corresponde ao Século XX marcado pelos aterros e entulhos das obras de requalificação das muralhas e dos Festivais.

Na Fase II foram identificados contextos que se enquadram nos séc. XIV a XVII e que são contemporâneos da construção do Castelo de Sines e das obras de Estevão da Gama.

O pavimento/preparação de pavimento (UE17) observado é similar ao pavimento descrito e registado por Carlos Tavares da Silva (Silva e Soares, 1998), nas sondagens intramuralhas, nomeadamente na Sondagem B e C, interpretados como sendo do século XV.

A Fase III caracteriza-se por uma ocupação durante o Baixo Império/Antiguidade Tardia, entre os séculos IV- VII. Associada a esta fase identificaram-se dois alicerces em pedra, que poderão corresponder à mesma estrutura, cerâmica comum de torno lento e fragmentos de ânfora.

A prospeção com recurso a georadar realizada em Setembro de 2016 (Pereira, 2016) identificou um conjunto de anomalias compatíveis com vestígios arqueológicos. A S3 poderá ter identifica parte dessas estruturas que se prolongam para além dos limites da sondagem.

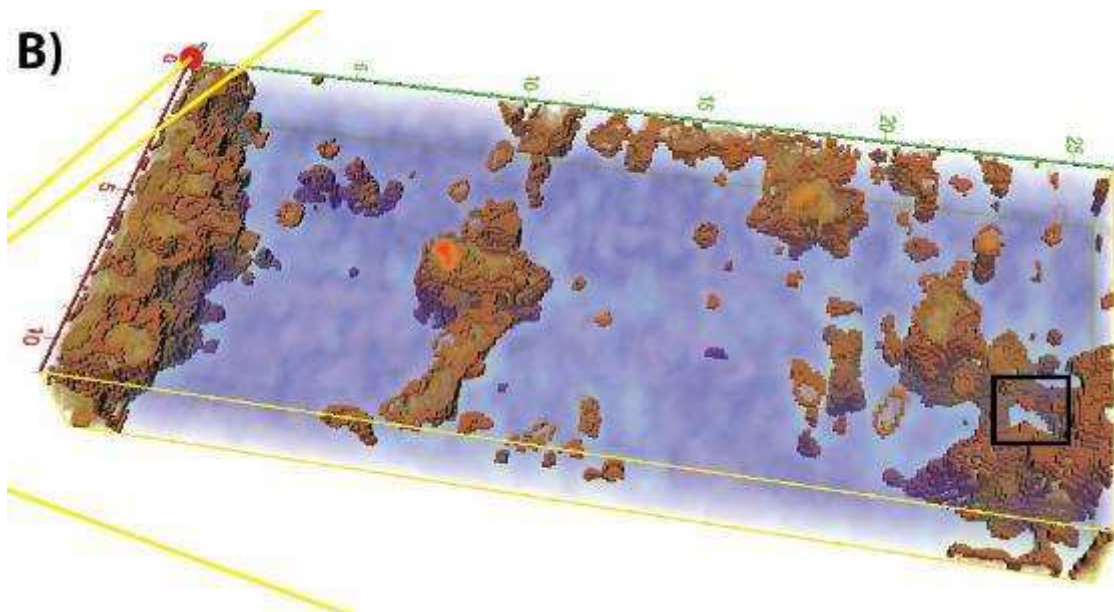


Fig. 29: Resultados do Georadar. Localização da S3. (Pereira,2016)

:

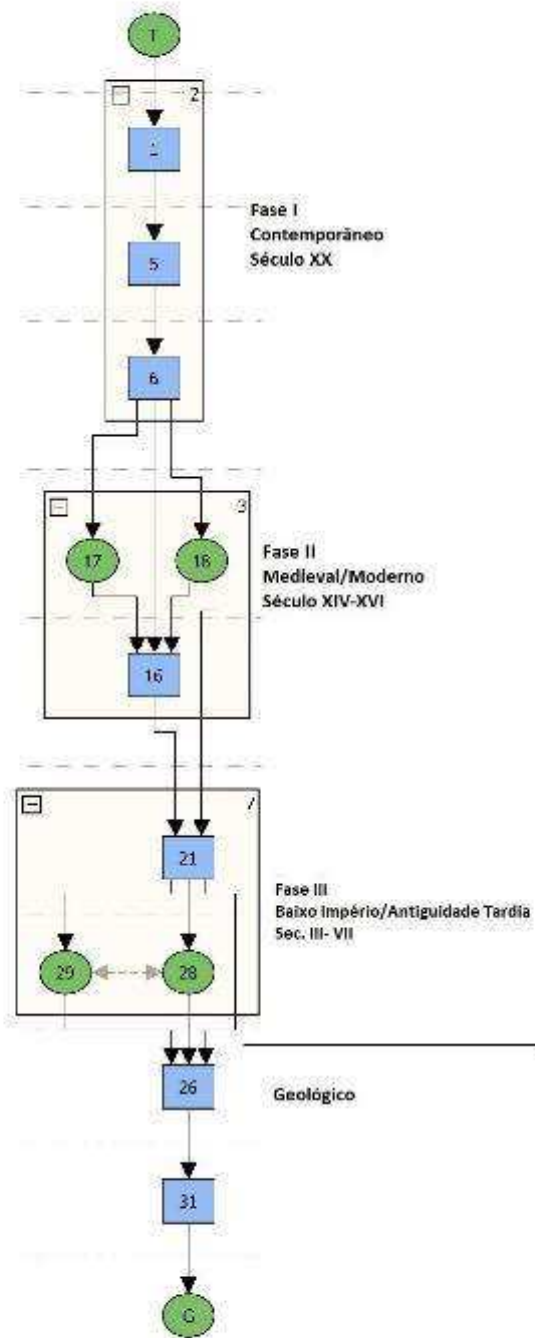


Fig. 30: Matriz de Harris da S3

E. Sondagem 4 (S4)

A S4 foi implantada junto à entrada do Quintalão.

COORDENADA M	COORDENADA P
-64438,000	-189893,000
-64440,000	-189893,000
-64440,000	-189891,000
-64438,000	-189891,000



Fig. 31: Localização da S4

A S4 apresentava camadas de topo caracterizadas por aterros com entulho das obras de requalificação do Castelo de Sines, ao longo do século XX. Sob a UE6 (aterro) identificou-se um muro com orientação ENE-OSO, encostado por uma camada de aterro (UE7), que cobre uma camada (UE14) com presença de materiais arqueológicos de cronologia Moderna (Sec. XV-XVI) e onde foi identificado uma moeda em cobre de 3 Reais de D. Sebastião.



Fig. 32: Plano da UE14 e UE13

O muro (UE13) cobre a camada UE14. Este muro corresponde a um muro em alvenaria de pedra e argamassa que terá sido construído no século XIX/XX para dividir as hortas do Quintalão.

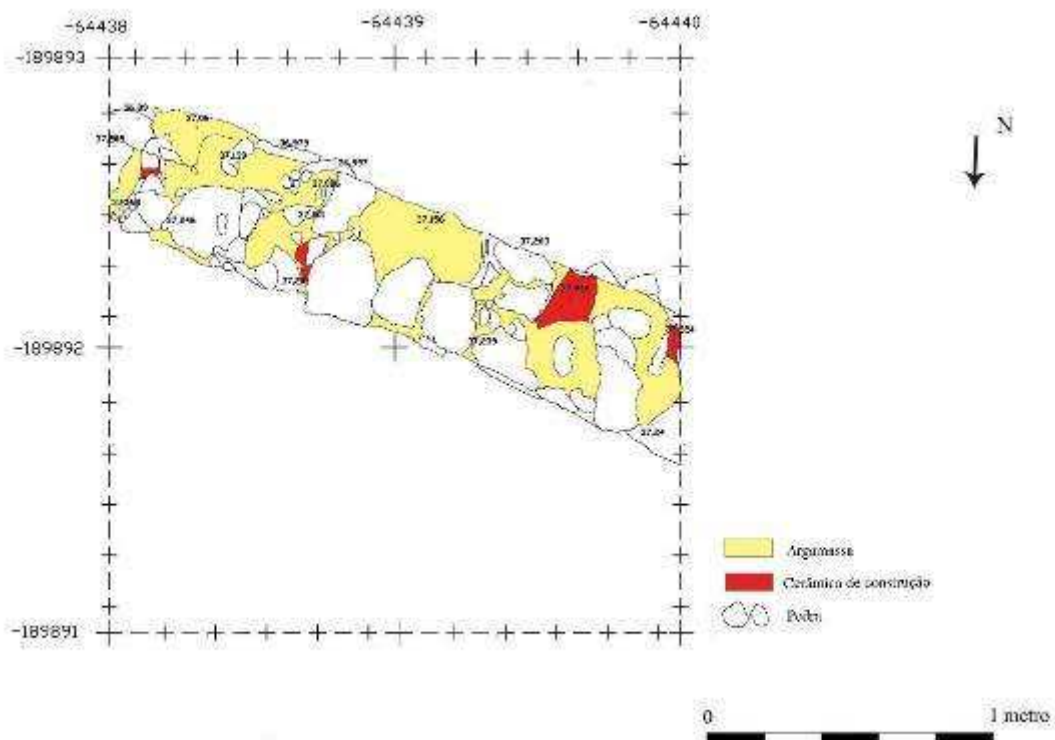


Fig. 33: Plano da UE13. Desenho Rui Santos



Fig. 34: Foto do Quintalão, provavelmente dos Anos 60 do século XX, onde se observa o muro identificado na S4. SIPA Foto 00530851. In www.monumentos.pt



Fig. 35: Alçado do muro contemporâneo

A UE14 cobria uma camada interpretada como uma preparação de piso/pavimento identificada em toda a sondagem devido à presença de calhaus afeiçoados e de cerâmica de construção, que conferia uma uniformidade e regularidade ao pavimento/chão. Optou-se por atribuir uma UE diferente devido a presença do muro, que impossibilitou a escavação do contexto em toda a extensão. As UE's 19 e 20 prolongam-se para além dos limites da área da sondagem.



Fig. 36: Preparação de piso/pavimento

Sob a UE19 foi identificada uma camada com argamassa e calhaus de pequeno calibre (UE22) interpretada como uma preparação de pavimento/regularização do terreno.



Fig. 37: UE19 em processo de escavação e identificação da UE22 que aparenta corresponder a um nível de lixeira

Os materiais recolhidos na UE22 enquadram-se num período compreendido entre o século XIV e XVII.

Devido ao muro, não se conseguiu determinar a relação estratigráfica entre a UE19 e a UE22. Salienta-se que foi realizada uma escavação superficial da UE22, devido à exiguidade do espaço e por se ter identificado um pavimento em pedra, sob a UE19.

O pavimento em pedra (UE27) foi observado a Norte da estrutura, no entanto, sob a UE22 observaram-se alguns blocos de garborito afeiçoados que poderão corresponder a este pavimento.

O pavimento em pedra apresenta uma pendente para este e foi construído com blocos de garborito afeiçoados no topo, que encaixam entre si. O preenchimento das juntas não continha vestígios de material ligante.



Fig. 38: Pavimento em pedra

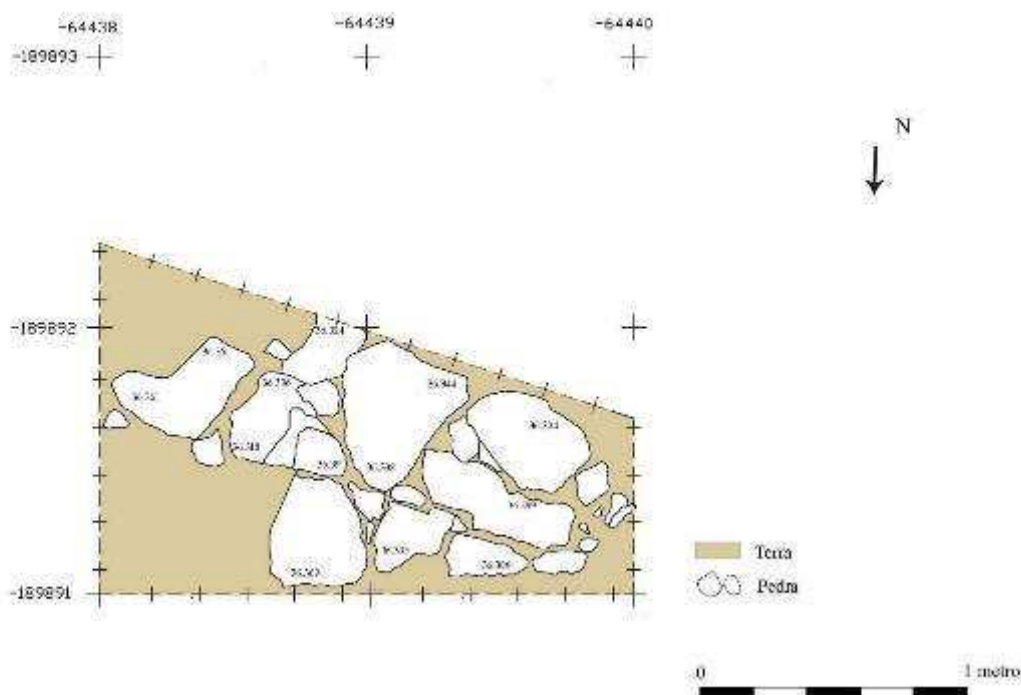


Fig. 39: Plano da [27], Desenho Rui Santos

No limite este observou-se a ausência de pedra e a identificação de duas camadas distintas: uma com inclusão de carvões e coloração preta (UE23) e outra sem carvão (UE24). A escavação da S4 foi concluída com a identificação do pavimento e das [22], [23] e [24]. O objetivo da intervenção era o diagnóstico arqueológico e não pressuponha a afetação de estruturas arqueológicas, como muros, pavimentos em pedra, etc.

No que diz respeito ao espólio arqueológico, a escavação arqueológica permitiu recolher materiais arqueológicos que se enquadram numa ocupação durante os séc. XIV-XVII, possivelmente relacionadas com a construção do Castelo de Sines e com o período em que o Castelo de Sines foi habitado pelos seus governadores.. Porém a presença de vários níveis de pavimento, sendo um deles em pedra levanta questões relativamente ao tipo de ocupação que o Quintalão teve durante esse período histórico.

6.5.1. Interpretação

Na S4 foram diferenciadas quatro fases de ocupação. A ocupação contemporânea corresponde à Fase I, onde foram identificados aterros referentes às obras de recuperação das muralhas e eventos lúdicos, mas também com cerâmica doméstica relacionada com a ocupação do Castelo pela Guarda Fiscal.

A Fase II está relacionada com níveis de lixeira e abandono que cobrem um pavimento (UE19) com calhaus e argamassa. O espólio arqueológico recolhido nesta fase caracteriza-se por

potes e alguidares em cerâmica comum, alguidares vidrado verde e fragmentos de escudela vidrada com decoração a manganês. Foi também recolhido 3 Reais de D. Sebastião (cobre), e duas fustaiolas.



Fig. 40: Taça de pé anelar de tradição almóada. Século XV. Produção Sevilhana. Foto Paula Pereira. Desenho Rui Santos



Fig. 41: Fustaiola em cerâmica de pasta clara. UE20.

Na Fase III identificou-se um pavimento construído com blocos de garborito afeiçoados no topo (UE27), por sua vez cobre um possível nível de incêndio (Fase IV) que só a escavação arqueológica poderá aferir, bem como a cronologia da Fase III e IV.

A presença de um pavimento em pedra constituído por lajes de grande dimensão de cronologia indeterminada, difere do pavimento em cal identificado nos anos 90 (Silva e Coelho, 1998) nos trabalhos arqueológicos de Carlos Tavares da Silva e na S3.

A prospeção geofísica identificou neste local uma anomalia que foi interpretada como um possível derrube.

:

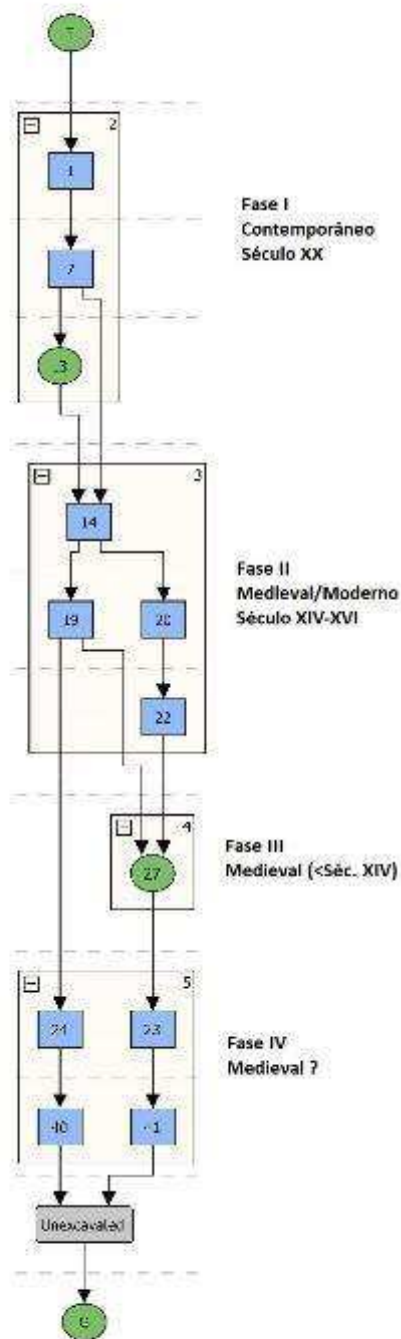


Fig. 42: Matriz de Harris: Leitura estratigráfica da S4

F. Sondagem 5 (S5)

A S5 foi implantada junto à muralha nascente/Torre Moxa.

COORDENADA M	COORDENADA P
-64419,895	-189893,269
-64420,471	-189891,356
-64418,552	-189890,584
-64417,810	-189892,444



Fig. 43: Localização da Sondagem 5, encostada à muralha nascente

No topo da S5 foi identificada uma camada de aterro/entulho contemporâneo caracterizada pela inclusão de material de construção (telhas, tijolos, argamassa), garrafas de vidro, caricas, plásticos, etc. (UE36) que cobria um nível heterogéneo com argila (UE41) e sedimento arenoso (UE42). A UE42 cobria uma estrutura de planta circular (UE44) e uma camada com muito material arqueológico caracterizado por louça de cozinha (UE43).



Fig. 44: Plano da S5: UE44, UE43, UE45

A estrutura circular (UE44) encosta ao pano de muralha (UE46) e estende-se para os cortes Sul e Oeste. O aparelho foi construído em pedra de forma irregular (garborito, xisto, calcário e arenitos), e de tamanhos variáveis, foi utilizada argila como elemento ligante e reboco. O interior da estrutura está preenchido por um sedimento (UE45) com inclusão de carvões que não foi escavado. O aparelho do interior da estrutura apresenta um paramento afeiçoado.

Encostada à UE44, foram escavadas várias camadas com contextos de cronologia medieval/moderna e romana.

Os contextos sob a UE42 encontravam-se selados.

A UE43 corresponde a uma ocupação de cronologia medieval/moderna (sec. XIV-XVII), caracterizada por um conjunto considerável de alguidares, potes e tachos que leva a considerar a hipótese de este local ter sido utilizado como cozinha. Parte das peças recolhidas correspondiam a mais de 50% da peça e estavam também relacionados com fragmentos que deram colagem.

Sob a [43], registou-se uma camada arenosa (UE49) sem contextos arqueológicos que encostava à muralha e tinha alguns calhaus da muralha ou da UE44.



Fig. 45: Plano da UE49 e relação com a UE44 e UE47

A UE49, cobria uma camada arenosa (UE50) que continha à superfície nódulos de uma matéria ferruginosa e carvão. O material arqueológico recolhido nesta camada era ocasional.

Sob a UE50 identificou-se uma camada de argamassa encostada à muralha, semelhante ao que se tinha observado na S1A. Infelizmente a argamassa correspondia a uma camada fina que foi escavada sem que tivesse sido realizado o registo prévio.

A UE50 cobria um sedimento arenoso (UE55) igual ao identificado na S1A (UE52) que continha algum espólio de cronologia romana.

Identificou-se o nível de areia de praia sob a UE55, a que foi atribuído a UE62. Salienta-se que os depósitos escavados apresentam uma pendente em direção à muralha.

Devido à cota de escavação ter atingido 260 cm de profundidade, a escavação foi dada por concluída.



Fig. 46: Plano Final da S5

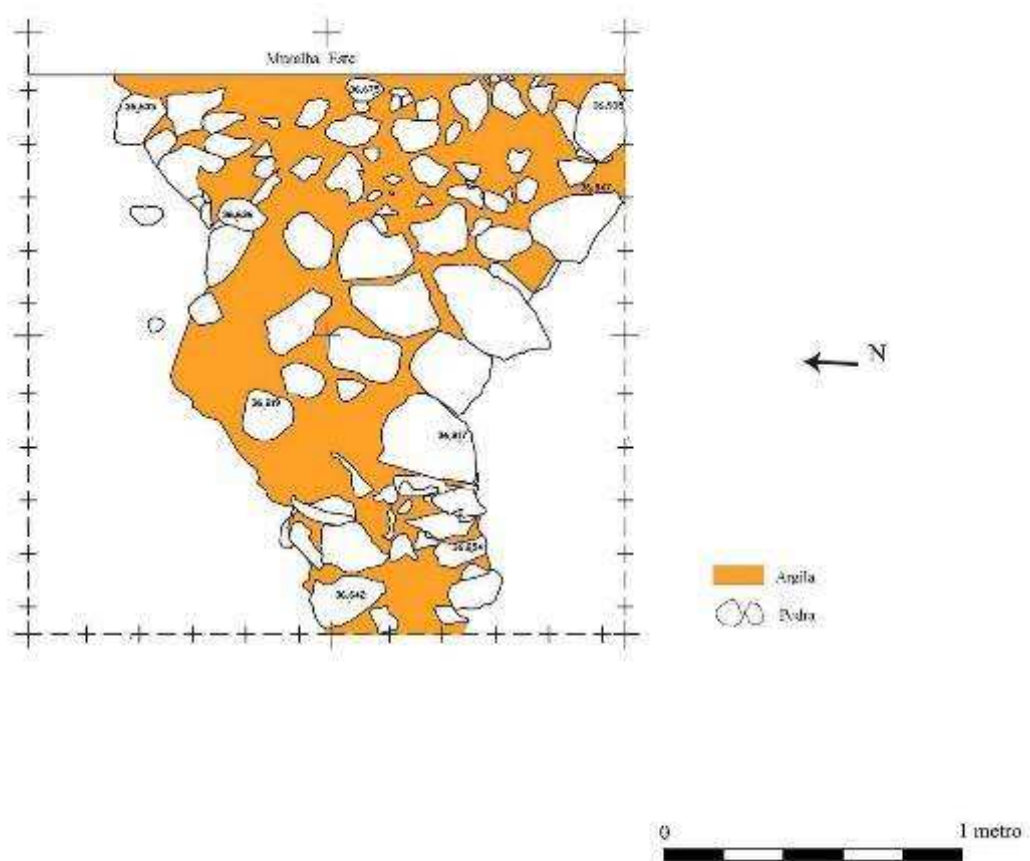


Fig. 47: Plano da UE44. Desenho Rui Santos

6.6.1. Interpretação

A escavação da S5 não permitiu esclarecer a funcionalidade e cronologia da estrutura circular (UE44). A metodologia utilizada seguiu os pressupostos do método Barker/Harris, removendo-se as camadas pela ordem inversa de deposição, isto é, da mais recente para a mais antiga. Porém a escavação arqueológica não definiu a estrutura circular nem o seu contexto. As camadas escavadas na S5 estavam encostadas à UE44, o que pressupõe que seriam mais recentes que a estrutura, nesse sentido a estrutura circular construída com pedra e argila poderá ser do Baixo Império/Antiguidade Tardia. Outra hipótese/interpretação para a cronologia da estrutura, poderá estar relacionada com a abertura de um interface negativo cujas paredes teriam sido revestidas a pedra. Salienta-se que esta questão só será esclarecida com a definição da planta da estrutura e escavação dos seus contextos.

Porém a S5 permitiu determinar que o pano nascente do Castelo de Sines é mais antigo do que se pressuponha. O pano nascente terá sido construído durante o Baixo Império ou sobre uma estrutura do Baixo Império. Salienta-se que o conjunto de pedras visigóticas e o pedestal de Marte foram retirados do pano nascente.

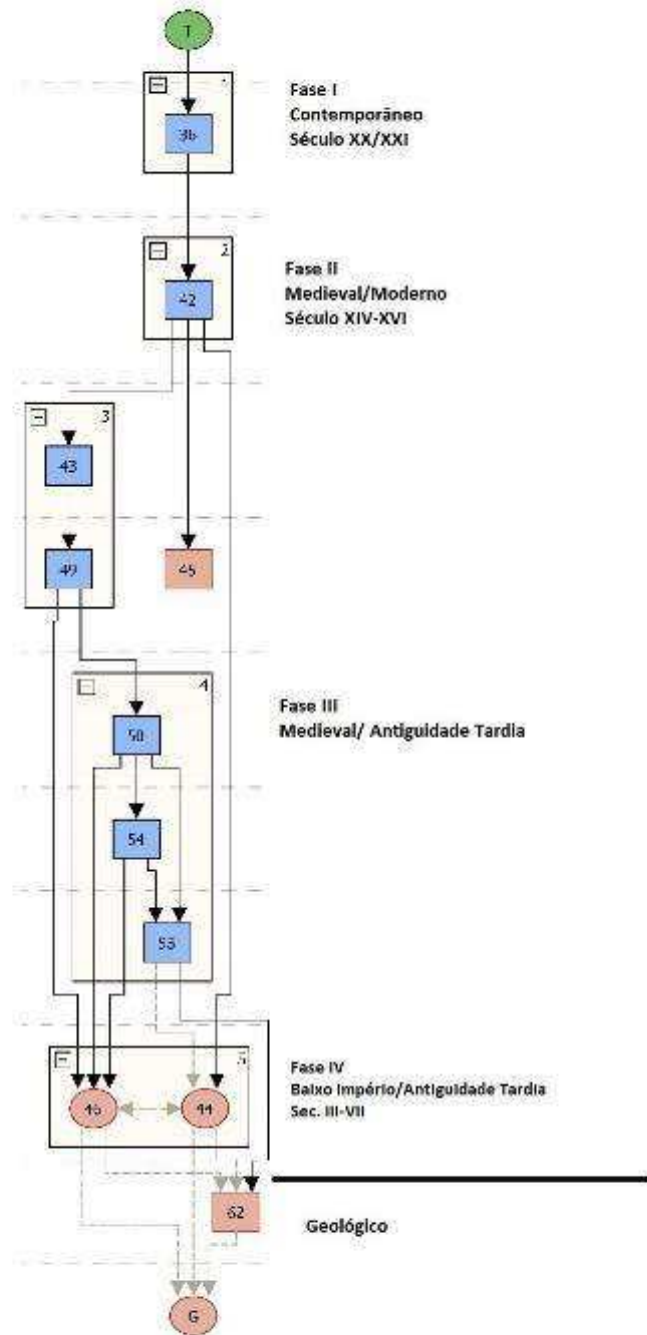


Fig. 48: Matriz de Harris: leitura estratigráfica da S5

7. MEDIDAS DE MINIMIZAÇÃO E SALVAGUARDA

Após a conclusão dos trabalhos arqueológicos, as sondagens foram aterradas com geotêxtil e areia.

Na lateral Sul do muro da S1A foi colocado todo o material descartado recolhido durante os trabalhos arqueológicos. O material descartado corresponde à cerâmica de construção, que após contabilização foi descartada.



Fig. 49: Aplicação de geotêxtil na S4



Fig. 50: Aterro da S4

8. COMPONENTE ARTEFACTUAL

O espólio arqueológico recolhido durante a intervenção arqueológica foi lavado, marcado, colado e inventariado. A descrição das peças foi realizada de modo sucinta. O inventario foi realizado num ficheiro do programa Filemaker.

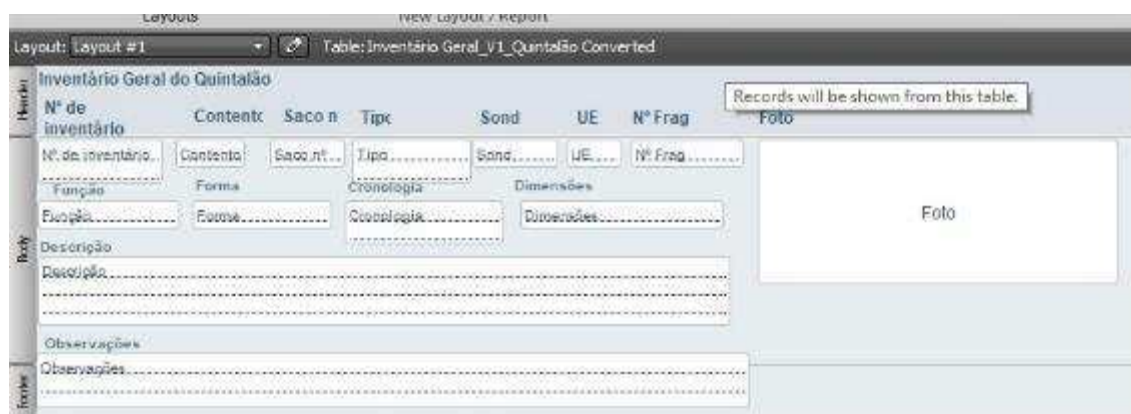


Fig. 51: Base de dados criada para o Inventário

O conjunto artefactual recolhido é constituído por objetos que se integram em períodos cronológicos distintos, desde a época romana ao século XX. A escavação de contextos arqueológicos preservados permitiu a recolha de espólio passíveis de fornecer uma cronologia para esses contextos. No entanto, foram recolhidos materiais arqueológicos de cronologia distinta à do contexto arqueológico escavado. Por exemplo, na UE43, nível de ocupação do século XIV-XVII, foram exumados alguns materiais de cronologia romana.

No nível de ocupação correspondente aos séculos XIV-XVII, as cerâmicas esmaltadas e vidradas foram utilizadas como indicadores cronológicos, associados ao espólio numismático.

A ocupação correspondente à Antiguidade Tardia, foi balizada pela componente numismática, pelo espólio anfórico e *Terra Sigillata*.

Salienta-se que foram recolhidos materiais arqueológicos ocasionais fora de contexto, nomeadamente espólio moderno em níveis da Antiguidade Tardia. Essas presenças poderão estar relacionadas com as raízes identificadas em todo o Quintalão, desde as camadas superficiais até ao geológico.

Nas camadas superficiais de aterro registou-se na S1 e na S1A uma quantidade substancial de telha produzida no concelho de Santiago do Cacém. Em todas as sondagens observou-se restos do material procedente das picagens das paredes do Castelo de Sines e dezenas de casquilhos de porcelana utilizados nas instalações elétricas.

Os fragmentos de cerâmica de construção (ladrilho, telha, tijolo, etc) foram todos recolhidos e contabilizados, no entanto, foram individualizados e guardados os fragmentos com algum elemento decorativo ou marca. O restante material foi soterrado com geotêxtil entre a S1A e o anexo.



Fig. 52: Fragmento de Telha produzida na Fábrica de Cerâmica do Sado- Santiago do Cacém

O espólio arqueológico de cronologia contemporânea caracteriza-se por faianças, e cerâmica vidrada. Destaca-se dois fragmentos de garrafa em grés e um cachimbo em caulino.


O espólio cerâmico do Baixo Império e da Antiguidade tardia apresenta um grau elevado de erosão, com a presença de pequenos pontos negros em todas as peças.

A. Cerâmica em Grés

Os recipientes produzidos em grés correspondem a produções dos países nórdicos da Europa, nomeadamente da Alemanha e Holanda (Souza, 2013), iniciadas no século XVI e que exportada em larga escala no século XVII. Este tipo de recipiente estava associado ao transporte de bebidas alcoólicas e de água mineral (Sequeira e Casimiro, 2015).

Os dois fragmentos de garrafa em grés foram recolhidos em contextos de aterro e correspondem a formas de corpo cilíndrico, com o carimbo do produtor.

Quadro 1: Quadro Síntese da Cerâmica em Grés

Nº DE INVENTÁRIO	LOCALIZAÇÃO	DESCRIÇÃO	FOTO
QTL/17-685	S1A, UE40	Fragmento de bojo de garrafa em grés, com carimbo da marca. Século XIX-XX.	 <p>Fig. 53</p>
QTL/17-2452	S3, UE6	Fundo de garrafa de grés, com carimbo da marca. Século XIX-XX.	 <p>Fig. 54</p>

B. Faianças

A produção de faiança em Portugal ocorreu em meados do século XVI, numa primeira fase entre 1520-1620 (Casimiro, 2017), em Lisboa e na margem sul do Tejo. Entre 1635-

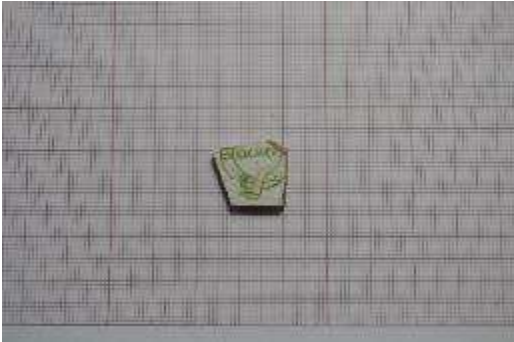


1660 registou-se período de maior expansão deste bem marcado pela utilização de decorações de inspiração oriental e de formas mais pequenas. A fase de consolidação caracterizou-se pela utilização do manganês e pela alteração na gramática decorativa com a introdução de rendas, aranhões, contas e faixas barrocas e utilização da cruz de Santiago nos fundos (Casimiro, 2017). No Século XVIII, regista-se um retorno à simplicidade, com o regresso ao branco com decorações simples a azul.

As faianças recolhidas no Quintalão caracterizam-se na sua maioria por exemplares de cronologia contemporânea (séculos XIX/XX), sendo ocasionais os exemplares de cronologia moderna.

De cronologia contemporânea (século XIX/XX) destacam-se os fundos de travessa/pratos em faiança vidrado branco, com o carimbo da Real Fábrica de Sacavém, recolhidos nas camadas de aterro.

Quadro 2: Quadro Síntese Descrição de Faianças

Nº DE INVENTÁRIO	LOCALIZAÇÃO	DESCRIÇÃO	FOTO
. QTL/17-1944		Fragmento de Fundo em faiança, com carimbo da Real Fábrica de Sacavém. Data de fabrico 1863-1870	 <p>Fig. 55</p>
QTL/17-692	S1, EU38	Fragmento de fundo de travessa, com carimbo da Real Fábrica de Sacavém. Data de fabrico 1863-1870	 <p>Fig. 56</p>

QTL/17-896	S1, UE8	Fragmento de fundo em faiança, com carimbo Real Fábrica de Sacavém. Data de fabrico 1918-1922/24	 <p data-bbox="1241 546 1321 577">Fig. 57</p>
QTL/17-1512	S5, UE36	Fragmento de fundo em faiança vidrado branco, com carimbo da Fábrica de Massarelos. Seculo XIX.	 <p data-bbox="1241 999 1321 1030">Fig. 58</p>
QTL/17-493	S5, UE43	Fragmento de bordo de prato esmaltado a branco, com pintura a azul e vinoso, formando um tema decorativo do tipo "contas". Século XVII-XVIII	 <p data-bbox="1241 1509 1321 1541">Fig. 59</p>
QTL/17-492	S5, UE43	Fragmento de prato em faiança com vidrado a azul e decoração a manganês. Motivos florais/estrelas	 <p data-bbox="1241 1912 1321 1944">Fig. 60</p>

As peças com os carimbos da Real Fábrica de Sacavém representam dois carimbos distintos:

DESCRITIVO DO CARIMBO	CRONOLOGIA	OBSERVAÇÕES
FÁBRICA DE SACAVÉM	1863-1870	Marca a tinta (Fábrica de Sacavém), em círculo e coroa real sobre âncora.
Gilman	1818-1922/24	Marca a tinta (Gilman)

C. Cerâmica Esmaltada





O conjunto de cerâmica esmaltada recolhido enquadra-se nos séculos XIV- XVI, com predominância de formas abertas, nomeadamente escudelas ou malgas. As cerâmicas de pastas depuradas de tons bege e rosados, apresentam superfícies esmaltadas a branco, com alguns exemplares decorados.

Este conjunto enquadra-se na fase de construção e ocupação do Castelo de Sines num período de prosperidade relacionada com a expansão e diáspora portuguesa. Foi durante esta fase expansionista que viveram na alcáçova do Castelo de Sines, os comendadores da Ordem de Santiago: Estevão da Gama, Luís de Noronha, Jorge Furtado de Mendonça e Lopo Furtado de Mendonça. (Patrício, 2012: 131).

As cerâmicas esmaltadas presentes no Quintalão correspondem a serviços de mesa importados, produzidos em Sevilha. A maioria dos exemplares foram recolhidos na S5 e S4. A presença de peças importadas permite estabelecer uma relação com os circuitos comerciais de importação e o valor económico e social que esses bens teriam à época. Efetivamente os trabalhos arqueológicos permitiram aferir um nível de ocupação com caráter doméstico que se insere nos séculos XV a XVII, que foi observado nas sondagens S4 e S5., e que se traduz num número significativo de peças importadas.

As cerâmicas esmaltadas foram amplamente difundidas entre o século XV e XVI e estão presentes em Sesimbra (Vieira, 2011), Palmela (Fernandes e Carvalho, 1997), Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1999), Almada ((Espírito Santo e Sabrosa, 1992). Em Cascais e Almada foram recolhidos exemplares com decoração fitomórfica a azul junto ao bordo e fundo, em contextos arqueológicos do século XVI.

Quadro 3: Quadro Síntese da Cerâmica Esmaltada

Nº DE INVENTÁRIO	LOCALIZAÇÃO	DESCRIÇÃO	FOTO
QTL/17-110	S5, UE43	Fragmento de fundo de escudela em louça esmaltada, com decoração a azul e manganês, com motivo a manganês no fundo. Produção sevilhana	 <p data-bbox="1249 685 1326 712">Fig. 61</p>
QTL/17-454	S5, UE43	Fragmento de bojo de recipiente em cerâmica esmaltada, com canelura pintada a branco, azul e manganês. Apresenta reflexos metalizados. Produção sevilhana	 <p data-bbox="1249 1095 1326 1122">Fig. 62</p>
QTL/17-456 E 457	S5, UE43	Fragmentos de bojo em cerâmica esmaltada, com decoração a azul e manganês, com motivos fitomórficos	 <p data-bbox="1249 1498 1326 1525">Fig. 63</p>
QTL/17-113	S5, UE43	Fragmento de bojo de louça branca vidrado a verde. Produção sevilhana. Sec. XIV-XV.	

QTL/17-1965	S5, UE55	Fragmento de bordo em cerâmica esmaltada, com decoração azul e manganês, decoração fitomórfico. Produção sevilhana
--------------------	----------	---



Fig. 64

D. Cerâmica Comum

A cerâmica comum recolhida nas seis sondagens é constituída por formas destinadas à preparação, confeção e armazenamento de alimentos. A cronologia de cerâmica comum abrange o século IV-XX. No entanto, destaca-se os conjuntos corresponde à ocupação do século XIV-XVII e os da Antiguidade Tardia.

Da fase de ocupação Medieval/Moderno (sec. XIV-XVII) destacam-se as formas fechadas como tachos, potes e panelas e as formas abertas representadas por tigelas e alguidares. A maioria dos exemplares foram recolhidos na S4 e S5, mas destacando-se os fragmentos da S5 que representam a maior concentração de peças na UE43.

A cerâmica medieval/moderna caracteriza-se, na sua maioria, por pastas de coloração avermelhadas. Os fragmentos de tachos e panelas apresentam marcas de combustão.

O conjunto da Antiguidade Tardia, destaca-se pela cerâmica de torno lento de pasta escuro com marcas de fogo. Predominam as formas fechadas de corpo globular com colo diferenciado (fig.65)

Quadro 4: Quadro Síntese de Cerâmica Comum




Nº INVENTÁRIO	DE	LOCALIZAÇÃO	DESCRIÇÃO	FOTO
QTL/17-398		S3, UE21	Pote em cerâmica comum de torno lento; corpo globular, colo estrangulado e bordo ligeiramente extrovertido	

Fig. 65


QTL/17-568	S5, UE43	Fragmentos de bordo e corpo de alguidar. Bordo extrovertido, de aba larga, lábio afilhado, com superfícies, interna e externa, de cor avermelhada. Ambas as superfícies apresentam-se engobadas e polidas. Século XV-XVI.	 <p data-bbox="1251 539 1326 568">Fig. 66</p>
QTL/17-557	S5, UE43	Fragmento de fundo e base de alguidar/talha, de pasta alaranjada/avermelhada, com estrias no interior relacionadas com o fabrico a torno da peça. Século XV-XVI	 <p data-bbox="1251 943 1326 972">Fig. 67</p>

E. Cerâmica Vidrada

A cerâmica vidrada foi recolhida nas seis sondagens, destacando-se os recipientes que correspondente à fase de ocupação do século XIV-XVII.

A cerâmica vidrada corresponde ao ofício dos malagueiros que detinha um estatuto superior ao dos oleiros, segundo vereações conimbricenses do século XVI.

Na categoria de cerâmica vidrada destacam-se as peças de formas abertas, como malgas, escudelas e alguidares, com vidrados verdes e castanho melado, alguns exemplares com decoração a óxido de manganês.

Nº DE INVENTÁRIO	LOCALIZAÇÃO	DESCRIÇÃO	FOTO
QTL/17-476	S5, UE43	Fragmento de prato em cerâmica com vidrado melado com decoração a óxido de manganês. Século XVI-XVI	 <p data-bbox="1251 1989 1326 2018">Fig. 68</p>

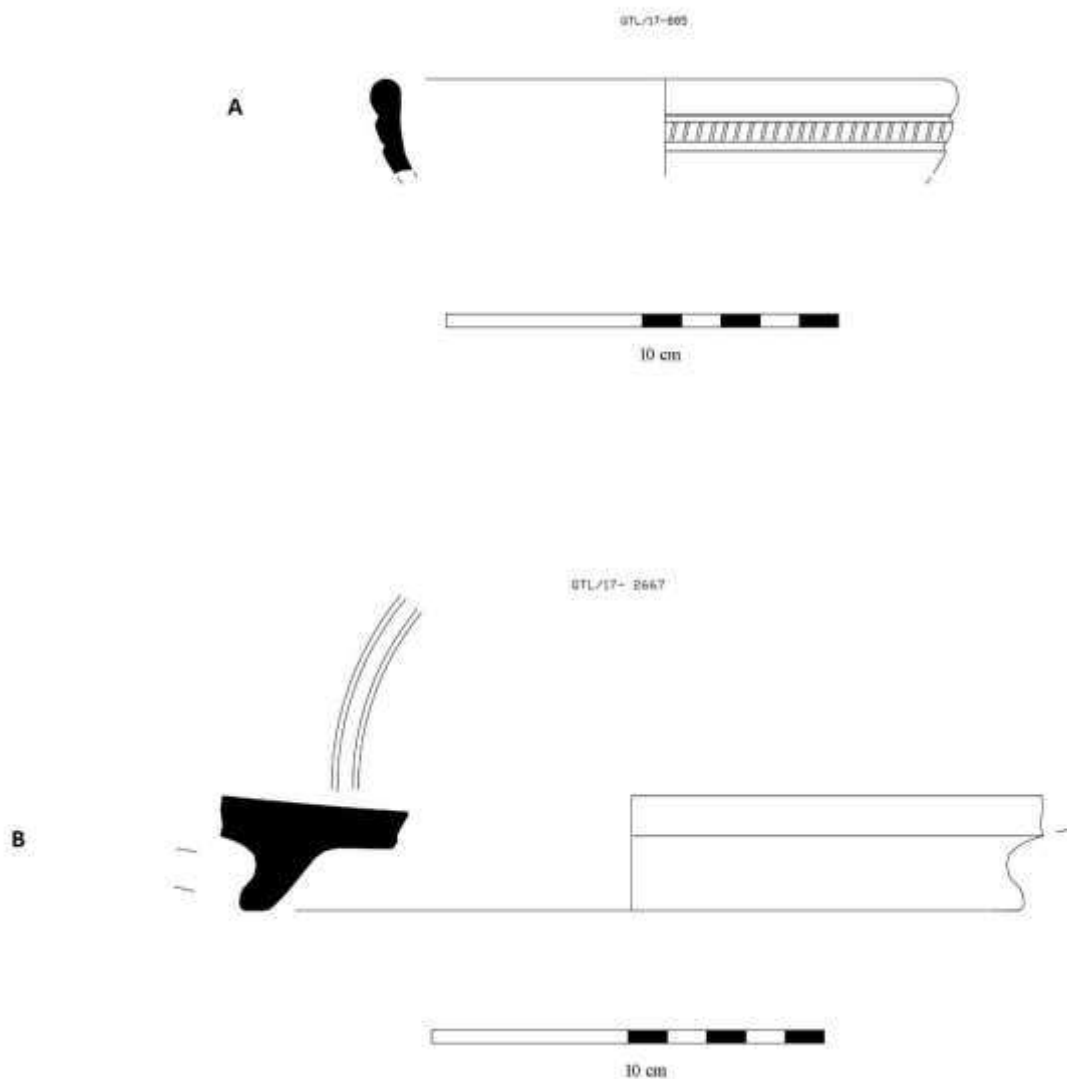
<p>QTL/17-2067</p>	<p>S4, UE22</p>	<p>Fragmento de alguidar vidrado verde no interior</p>	 <p>Fig. 69</p>
<p>QTL/17-2068</p>	<p>S4, UE20</p>		 <p>Fig. 70</p>
	<p>S4, UE</p>		 <p>Fig. 71</p>

F. Terra Sigillata (TS)

Os fragmentos de *Terra Sigillata* recolhidos no Quintalão correspondem a um conjunto muito pequeno e heterogêneo.

Os exemplares recolhidos na S1A correspondem a formas mais recentes comparativamente com os fragmentos da S3.

O conjunto de TS está representado por fragmentos de pratos de TSA e um fragmento de hispânica



Estampa 1: **A.** TSA, Clara D, variante Hayes 9, **B.** TSA, Clara D, variante Hayes 103. Desenhos Rui Santos

G. Ânforas

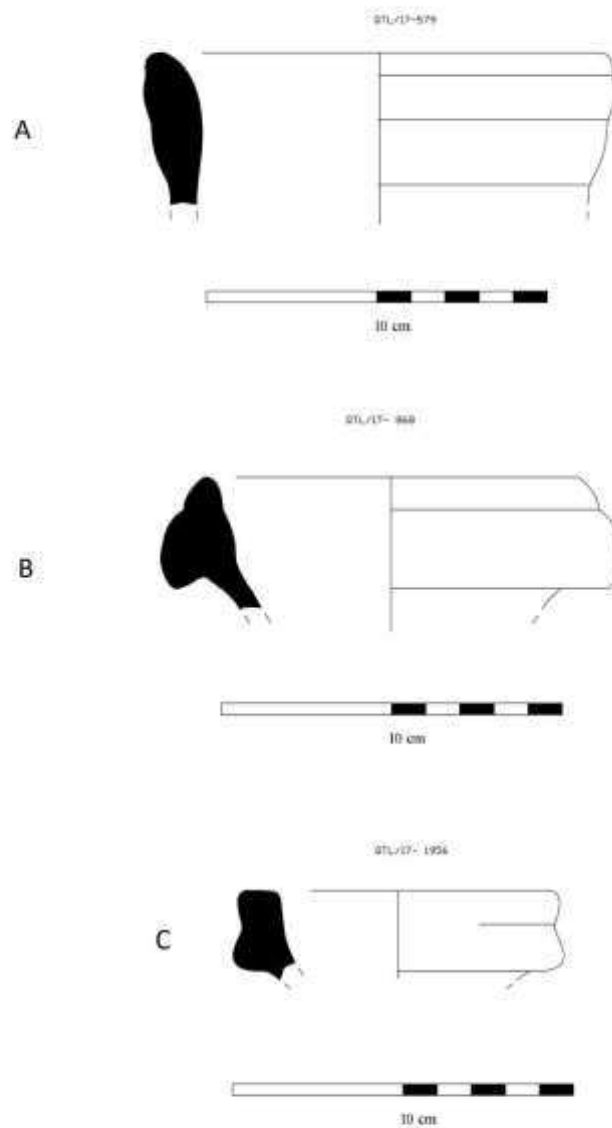
O material anfórico recolhido corresponde a bordos e bojos, registando-se em número superior os fragmentos de bojos. O inventário realizado quantificou esses dados, porém para o presente documento selecionara-se os bordos para a classificação tipológica das ânforas.

Tabela 1: Descrição das ânforas

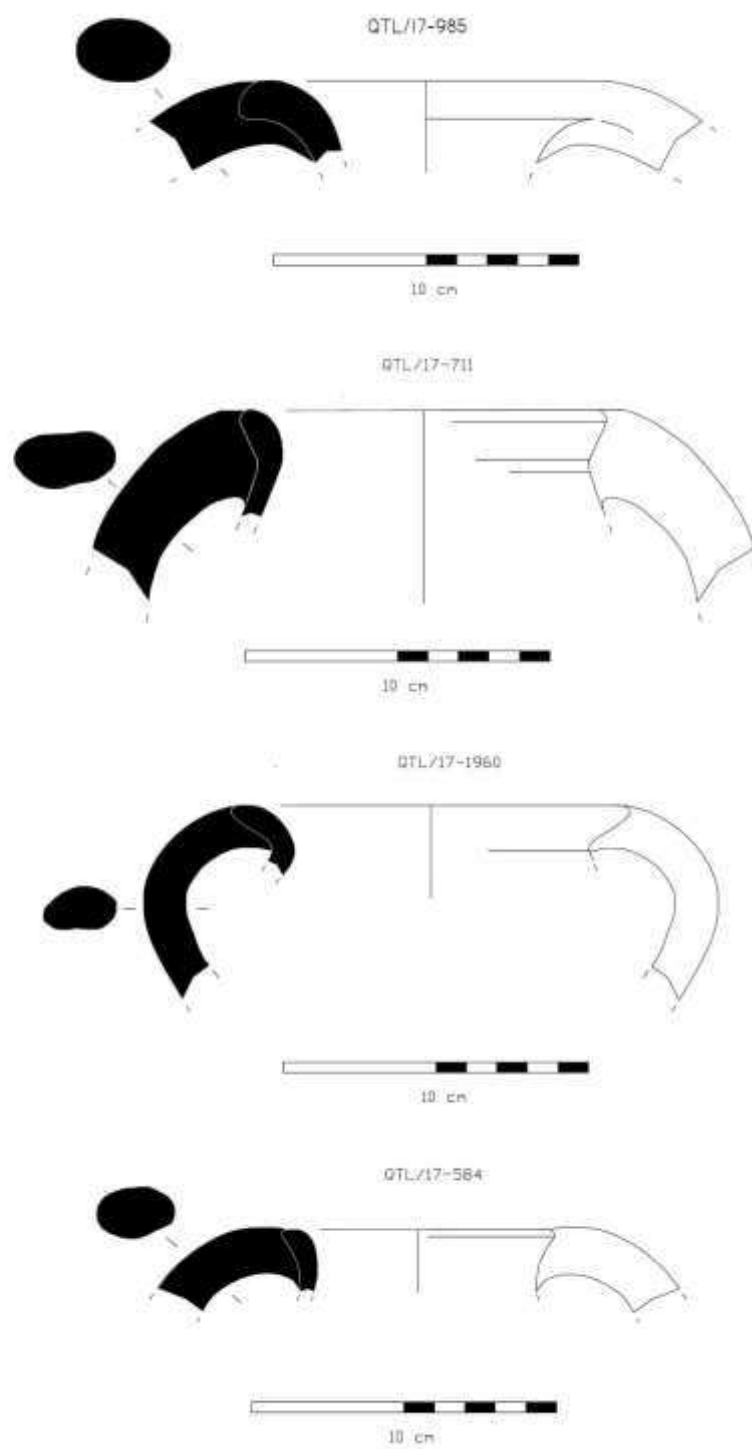
Nº INV	SOND	UE	TIPOLOGIA	CRONOLOGIA
QTL/17-711	1A	52	Lusitana 9	Baixo Império/Antiguidade Tardia
QTL/17-1960	5	55	Lusitana 9	Baixo Império/Antiguidade Tardia
QTL/17-584	5	55	Lusitana 9	Baixo Império/Antiguidade Tardia
QTL/17-579	5	55	Sado 1	Baixo Império/Antiguidade Tardia

QTL/17-868	1A	47	Almagro 51, variante C	Baixo Império/Antiguidade Tardia
QTL/17-1956	5	55	Lusitana 3	Baixo Império/Antiguidade Tardia

Os fragmentos selecionados na tabela 1 foram exumados em contextos arqueológicos, evidenciando-se a presença da Lusitana 9.



Estampa 2: **A.** Sado 1, **B.** Almagro 51 C, variante C, **C.** Lusitana 3. Desenhos Rui Santos



Estampa 3: Lusitana 9. Desenhos Rui Santos

H. Espólio Numismático

Foram recolhidas um total de 9 moedas, apresentando grande parte do conjunto a necessidade de limpeza e conservação. Todavia três moedas oferecem uma leitura legível.

Nº INV	SOND	UE	DESCRIÇÃO	CRONOLOGIA
QTL/17-660	1A	48	AE4-, em bronze	Século IV
QTL/17-662	1A	52	AE4, em bronze	Século IV
QTL/17-663	1A	47	AE4 Constâncio II (?)	Século IV
QTL/17-664	5	36	10 centavos (1925)	Século XX
QTL/17-665	5	43	Ceutil ?, em cobre	Século XV/XVI
QTL/17-666	4	14	Três Reais em cobre D. Sebastião, em cobre	Sec. XVI
QTL/17-667	1A	40	Ceutil D. Manuel em cobre	Séc., XVI
QTL/17-668	5	43	Ceutil D. Afonso V, em cobre	Século XV
QTL/17-669	1	39	AE1- Graciano (367-383), em bronze	Sec. IV



Fig. 72: Moeda em bronze de Graciano. Nº Inventário QTL/17-669





Fig. 73: Três Reais de D. Sebastião. Nº inventário QTL/17-666

I. Artefactos Diferenciados

O conjunto de artefactos diferenciados corresponde a objetos em metal, vidro, osso, cerâmica e pedra. Tratam-se de objetos de categorias e funções distintas. Foram recolhidos pesos de rede, fusaiolas que estão relacionadas com a tecelagem, lascas de sílex e de quartzo, objetos de adorno, machados de pedra polida.

Nº DE INVENTÁRIO	LOCALIZAÇÃO	DESCRIÇÃO	FOTO
QTL/17-676	S5, UE43	Perfumador em vidro, com tubo cilíndrico com decoração retorcida pela técnica de moldagem.	 <p><i>Fig. 74</i></p>
QTL/17-677	S3, UE21	Fusaiola em xisto, de forma discoide, com perfuração central. Antiguidade tardia (século IV-VIII)	 <p><i>Fig. 75</i></p>
QTL/17-678	S5, UE42	Conta de colar em madrepérola Seculo XV-XVII	 <p><i>Fig. 76</i></p>

QTL/17-670	S3, UE26	Lasca em sílex	 <p data-bbox="1246 517 1326 546">Fig. 77</p>
QTL/17-680	S5, UE43	Alfinete de cabelo em cobre com cabeça esférica, com fio enrolado em espiral Romano	 <p data-bbox="1246 943 1326 972">Fig. 78</p>

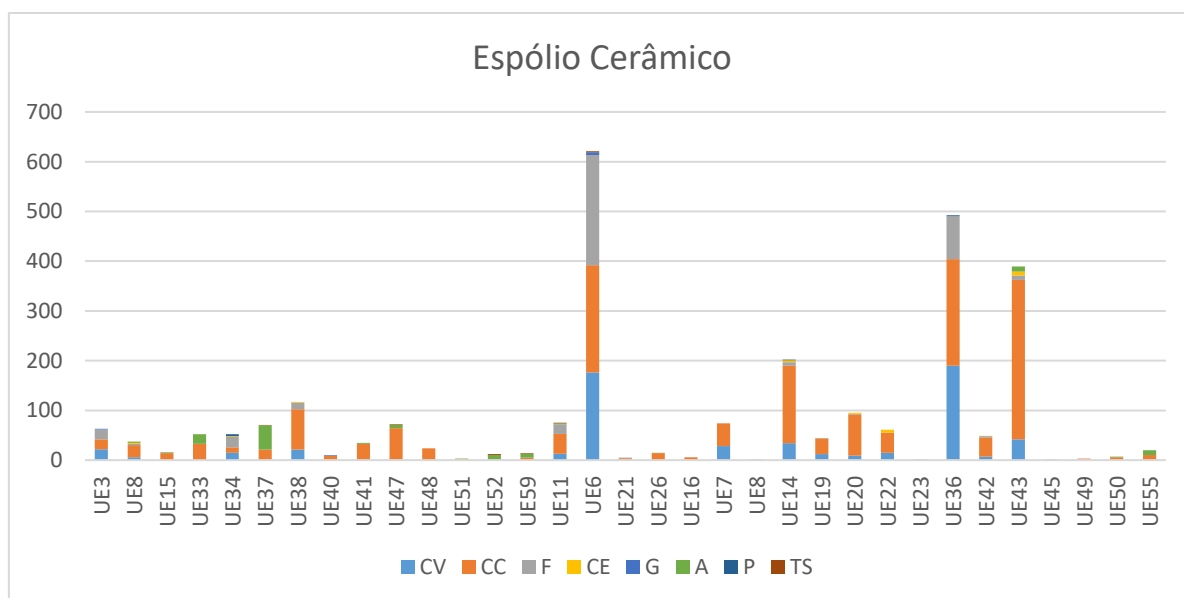


Gráfico 1: Quantificação do espólio cerâmico (CV: cerâmica vidrada, CC: cerâmica comum; F:faiiança; CE: cerâmica esmaltada; G:grés; A: ânfora; P: porcelana; TS: terra sigillata)

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A localização de Sines numa baía protegida dos ventos, tornou-a num local estratégico para ancoradouro de embarcações e apoio às rotas atlânticas.

Sines terá sido durante a época romana o porto de Miróbriga, um núcleo urbano marcado por uma componente industrial.

A ocupação romana de Sines é conhecida através dos vestígios arqueológicos das fábricas de preparados de peixe identificadas na Rua Ramos da Costa e no Largo João de Deus. As intervenções de José Miguel da Costa nos anos 60, do século XX, permitiu identificar para além da fábrica, um forno de redução de minério, um forno de ânforas e um poço.

O conjunto de elementos arquitetónicos removidos das muralhas do Castelo de Sines, indiciam uma povoação com edifícios imponentes e o culto a Marte. Esses elementos arquitetónicos e epígrafes votivas e funerárias foram reutilizados em período visigótico e possivelmente durante uma ocupação islâmica.

Os materiais arqueológicos do Baixo Império recolhidos no Quintalão têm paralelos com outros sítios arqueológicos, nomeadamente S. Cucufate (Pinto, 2003).

Embora os diversos trabalhos arqueológicos realizados intra muralhas, nunca foram identificados contextos arqueológicos relacionados com uma ocupação islâmica. Porém, nas obras de Requalificação do Castelo de Sines, em 2007/8, foi removida do interior da alcáçova uma inscrição islâmica que consagra a construção de um ribat no ano de 1009.

As sondagens arqueológicas não identificaram uma ocupação que possa ser associada a uma presença islâmica. No entanto o pavimento da S4 poderá estar relacionado com uma ocupação medieval.

Sines teve sempre uma vocação marítima, mas também terrestre. No Reinado de D. Dinis, praticava-se a pesca do atum, golfinhos, toninhas e espadartes por judeus e estrangeiros (Fernandes, 2017) e no reinado de D. Fernando, Sines surge como produtor de vinho, no “Foral da portagem de Lisboa”.

Num documento de 1489 foi referido a inexistência de um porto em Sines, porém há referências à atividade piscatória e ao transporte de sal (e outros produtos) por mar entre Setúbal, Alcácer do Sal e Sines (Fernandes, 2017).

Um documento de 1480 descreve a vida económica da vila de Sines e os produtos aí produzidos. O documento refere a existência de moinhos e de um forno de telha junto ao castelo.

Nesse período de expansão portuguesa no Norte de África, Sines teria alguma relevância devido à sua localização estratégica e pela existência de um porto de abrigo descrito como Calheta no “Numeramento Geral do Reino” de 1532.

Sines teria, nos finais dos tempos medievos e nos alvares da modernidade, um pequeno comércio que beneficiava com a sua localização marítima, onde chegavam produtos importados, e saindo por via mar os produtos locais.

Esta dinâmica comercial e marítima que Sines vivenciou nos finais do século XV e XVI é compatível com a componente artefactual recolhida nas sondagens S4 e S5. A ocupação do Castelo de Sines nesse período corresponde à fase expansionista de Portugal e ao desenvolvimento das rotas atlânticas e à revitalização do comércio com acesso a bens europeus, africanos e americanos.

No Foral de Sines foram referidos os produtos que chegavam a Sines provenientes do reino e do comércio ultramarino. No caso da louça, o documento refere a venda de louça de diversa qualidade, vidrada ou não, proveniente do reino e fora dele (Fernandes, 2017).

As Fases II da S1A, da S3, da S4 e da S5 correspondem à fase de construção do Castelo de Sines, a partir de um pano de muralha já iniciado e ao período em que o Castelo foi habitado pelos seus governadores. No registo arqueológico não se registou uma ocupação efetiva e permanente, o que leva a considerar que o espaço designado como Quintalão teria uma função distinta, possivelmente com contextos domésticos relacionados com a confeção e preparação de alimentos durante a Fase II. Num período posterior o espaço poderá ter sido utilizado como horta.

As Sondagens de Diagnósticos tiveram por objetivo caraterizar a ocupação humana do espaço designado como Quintalão e definir as medidas de salvaguarda em projetos futuros.

Os trabalhos arqueológicos realizados atingiram o substrato geológico nas S1, S2 e S3, no entanto, na S1A, S4 e S5 foram identificados vestígios arqueológicos que não foram escavados, por questões de segurança e no caso da S4 optou-se por não levantar o pavimento que poderá ser musealizada no futuro.

O Quintalão foi utilizado durante séculos como um espaço hortícola de subsistência.

No século XX, o espaço foi dividido em pequenas hortas exploradas por várias pessoas, que também tinham criação de gado.

Nos Anos 80 o espaço foi utilizado para realização de eventos como a Festa da Terra e do Mar.

Assinado por: **PAULA CRISTINA CARDOSO
BARRADAS ALVES PEREIRA**
Num. de Identificação Civil: BI116860120
Data: 2018.08.27 19:54:14 GMT Daylight Time



10. BIBLIOGRAFIA

BARREIRA, Paula, DORDIO, Paulo, TEIXEIRA, Ricardo (1997) - 200 Anos de cerâmica da Casa do Infante: do século XVI a meados do sec. XVIII. In Actas das 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Tondela. 145-184.

CARVALHO, António Rafael (2005) - Intervenção Arqueológica no “Mercado Velho” de Palmela. *Al-madan* adenda electrónica. IIª Série (13).

CASIMIRO, Tânia (2013): - Faiança portuguesa: datação e evolução crono-estilística. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 16. 351-367.

CASIMIRO, Tânia; GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela () - Portuguese Faience trade and consumption across the World (16th -18th centuries). In *GlobalPottery 1. Historical Archaeology and Archaeometry for Societies in Contact*. BAR International Series 2761, Archaeopress. 67-79.

CASIMIRO, Tânia; SEQUEIRA, João (2017) - Faiança Portuguesa dos Séculos XVI-XVIII recuperada no Tejo. *Cira- Arqueologia*. V. 260-273.

CAVACO, Sandra; COVANEIRO, Jaquelina (2017) - EVIDÊNCIA DAS RELAÇÕES COMERCIAIS DO PORTO DE TAVIRA ATRAVÉS DA CERÂMICA. **SCIENTIA ANTIQUITATIS**, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 195-218.

FERNANDES, Isabel Cristina, CARVALHO, António Rafael (1997) – Intervenção arqueológica na Rua de Nenhures (Área Urbana de Palmela). *Setúbal Arqueológica*. Vol. 11-12. 279-295.

FERNANDES, Maria Teresa Alegria (2017) – Sines na Idade Média. Da fundação do concelho ao foral manuelino. Sines: Câmara Municipal de Sines.

MEDICI, Teresa (2015) - Vidros da terra: o vidro tardomedieval e moderno em Portugal (séculos XIV-XVII) : o contributo da arqueologia. Coimbra. Tese de doutoramento em Arqueologia, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

PATRICIO, Sandra; Pereira, Paula (2017): Sines a Terra e Mar. Sines: Câmara Municipal de Sines.

PINTO, Inês Vaz, ALMEIDA, João Pedro (2016) - Sado 1 (Western Lusitania)», *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption* (<http://amphorae.icac.cat/amphora/sado-1-western-lusitania>).

QUARESMA, José Carlos, RAPOSO, Jorge Manuel Cordeiro (2016) - «Lusitana 3 (Western Lusitania)», *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption* (<http://amphorae.icac.cat/amphora/lusitana-3-western-lusitania>).

QUARESMA, José Carlos, RAPOSO, Jorge Manuel Cordeiro (2016) -Lusitana 9 (Western Lusitania)», *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption* (<http://amphorae.icac.cat/amphora/lusitana-9-westernlusitania>).

SEQUEIRA, João; CASIMIRO, Tânia (2016) - Fragmentos do mundo contemporâneo: objectos em grés recuperados no Tejo. *Cira- Arqueologia*. IV. 209-215.

TAVARES DA SILVA, C. & COELHO, J. (1998) – Para uma arqueologia do castelo de Sines. In *Da Ocidental Praia Lusitana. Vasco da Gama e o seu tempo*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, p. 21-45.

VIEGAS, Catarina, RAPOSO, Jorge Manuel Cordeiro, PINTO, Inês Vaz (2016) -Almagro 51C (Western Lusitania)», *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption* (<http://amphorae.icac.cat/amphora/almagro-51c-western-lusitania>).

VIERA, Ana Isabel (2011) - Cerâmicas dos séculos XIV a XVI do Castelo de Sesimbra, O Arqueólogo Português, Série V, 1. 657-687.

Webgrafia

Amphorae Ex Hispania- <http://amphorae.icac.cat/>

Sistema de Informação Para O Património Arquitetónico-
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2

11.ANEXOS

A. DESCRIÇÃO DE UE'S

B. LISTAGEM DE FOTOGRAFIAS

C. FICHA DE SÍTIO

D. ESTAMPAS

E. INVENTÁRIO MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS